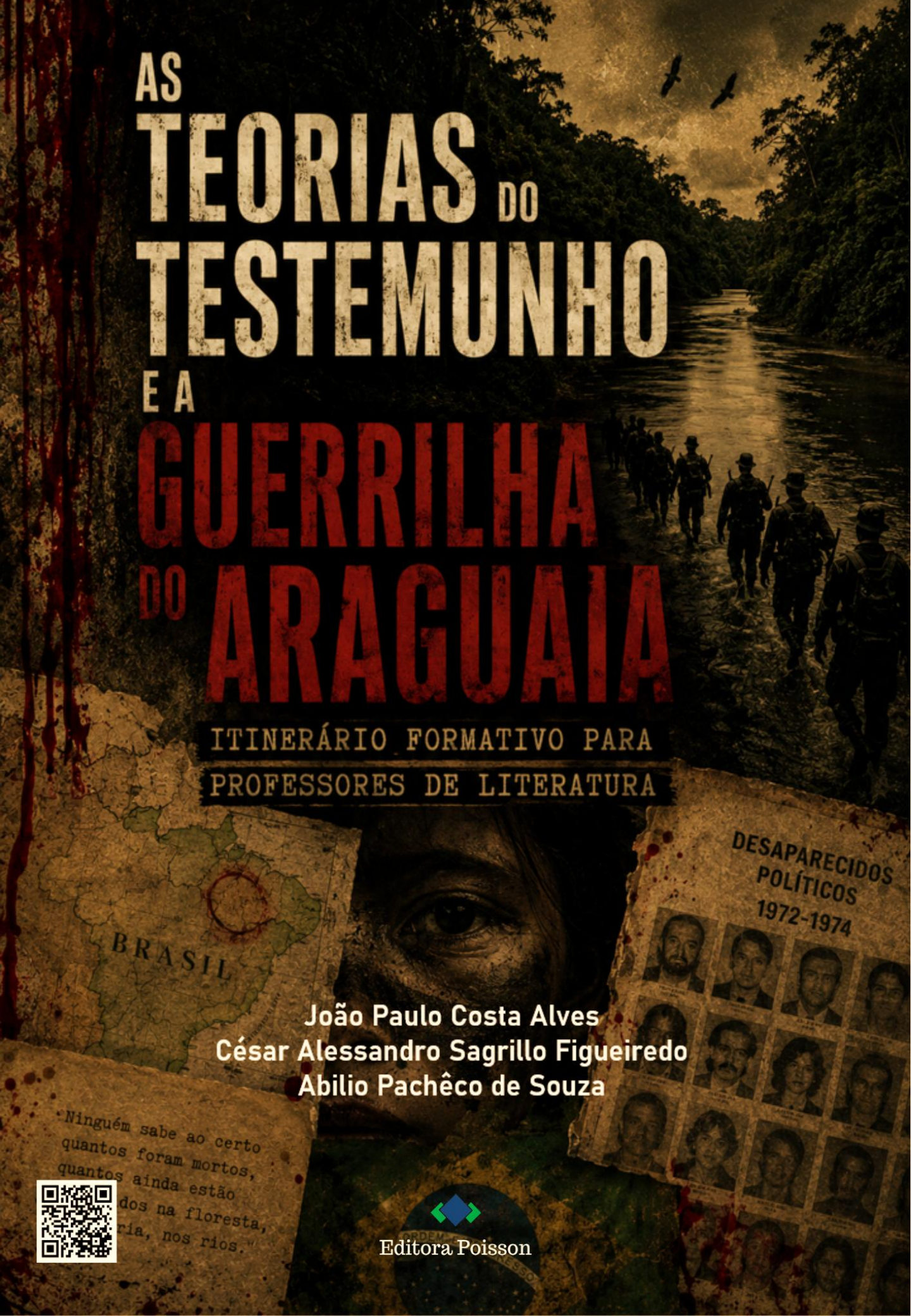
AS TEORIAS DO TESTEMUNHO E A GUERRILHA DO ARAGUAIA

ITINERÁRIO FORMATIVO PARA PROFESSORES DE LITERATURA



João Paulo Costa Alves
César Alessandro Sagrillo Figueiredo
Abilio Pachêco de Souza

Editora Poisson

João Paulo Costa Alves
César Alessandro Sagrillo Figueiredo
Abilio Pachêco de Souza

As Teorias do Testemunho e a Guerrilha do Araguaia:

itinerário formativo para professores de literatura

1ª Edição

Belo Horizonte
Editora Poisson
2026

Editor Chefe: Dr. Darly Fernando Andrade

Conselho Editorial
Dr. Antônio Artur de Souza – Universidade Federal de Minas Gerais
Ms. Davilson Eduardo Andrade
Dra. Elizângela de Jesus Oliveira – Universidade Federal do Amazonas
MSc. Fabiane dos Santos
Dr. José Eduardo Ferreira Lopes – Universidade Federal de Uberlândia
Dr. Otaviano Francisco Neves – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Dr. Luiz Cláudio de Lima – Universidade FUMEC
Dr. Nelson Ferreira Filho – Faculdades Kennedy
Ms. Valdiney Alves de Oliveira – Universidade Federal de Uberlândia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A834a
As Teorias do Testemunho e a Guerrilha do Araguaia: itinerário formativo para professores de literatura / João Paulo Costa Alves, César Alessandro Sagrillo Figueiredo, Abilio Pachêco de Souza – Belo Horizonte MG: Editora Poisson, 2026. 74 p.

Formato: PDF
ISBN: 978-65-5866-685-1
DOI: 10.36229/978-65-5866-685-1
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia

1. Letras 2. Literatura. 1. ALVES, João Paulo Costa 2. FIGUEIREDO, César Alessandro Sagrillo 3. SOUZA, Abilio Pachêco de 4. Título

CDD-400

SÔNIA MÁRCIA SOARES DE MOURA – CRB 6/1896

O conteúdo deste livro está licenciado sob a Licença de Atribuição Creative Commons 4.0.
Com ela é permitido compartilhar o livro, devendo ser dado o devido crédito, não podendo ser utilizado para fins comerciais e nem ser alterada.

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos seus respectivos autores.

Esse e outros títulos podem ser baixados gratuitamente em www.poisson.com.br
Entre em contato pelo contato@poisson.com.br

SUMÁRIO

Apresentação 05

Aula 1: Percurso Histórico da Guerrilha do Araguaia..... 06

Aula 2: Introdução às Teorias do Testemunho..... 12

Aula 3: O testemunho sobre a Guerrilha do Araguaia na prosa (livros não ficcionais e ficcionais)..... 18

Aula 4: A Guerrilha do Araguaia contada pelo gênero conto e crônica..... 24

Aula 5: A Guerrilha do Araguaia pela perspectiva do gênero romance..... 30

Aula 6: A Guerrilha do Araguaia com foco nos gêneros acadêmicos (artigo, dissertação e tese)..... 36

Aula 7: A escrita de si: autobiografia e identidade na Guerrilha do Araguaia..... 42

Aula 8: Guerrilha do Araguaia: vozes femininas e resistência..... 48

Aula 9: Didática do testemunho: construindo aulas de literatura a partir da Guerrilha do Araguaia..... 55

Aula 10: O professor-leitor como guardião da memória da Guerrilha do Araguaia..... 62

Considerações Finais 69

Referências 70

APRESENTAÇÃO

A presente proposta de itinerário formativo situa-se na interseção crítica entre a historiografia da resistência e a hermenêutica literária contemporânea. O objeto central de análise, a Guerrilha do Araguaia (1972–1975), é aqui compreendido não apenas como um evento fático da ditadura civil-militar brasileira, mas como um *topos* traumático marcado pelo sequestro da memória e pela política de desaparecimento forçado operada pelo Estado.

Fundamentado nas categorias teóricas do testemunho, conforme delineadas por pensadores como Giorgio Agamben, Paul Ricœur, Márcio Seligmann-Silva, Abilio Pacheco e César Figueiredo, o itinerário propõe uma desconstrução das narrativas oficiais que visaram ao soterramento simbólico da insurgência amazônica.

A abordagem pedagógica para o curso de Letras transcende a mera análise documental; ela convoca a literatura como um dispositivo de reparação simbólica e de inscrição ética. Através do exame de diários de campo, relatórios da Comissão Nacional da Verdade e da produção ficcional contemporânea, objetiva-se investigar como o texto literário processa a aporia do indizível, transformandoem conhecimento crítico e práxis pedagógica.

AULA 1: PERCURSO HISTÓRICO DA GUERRILHA DO ARAGUAIA

1. INTRODUÇÃO

A Guerrilha do Araguaia (1972–1975) constitui um dos episódios mais emblemáticos e silenciados da história recente do Brasil. Durante o regime da Ditadura Civil-Militar (1964–1985), grupos de militantes organizados na clandestinidade buscaram resistir ao regime autoritário por meio da luta armada, estabelecendo-se na região amazônica, entre os rios Araguaia e Tocantins.

Essa aula propõe compreender o percurso histórico da guerrilha, desde os antecedentes até seus desdobramentos, explorando a articulação entre história, memória e uma pequena entrada na literatura.

Ao olhar para o Araguaia como território simbólico e real da luta, da repressão e da resistência, busca-se formar professores/leitores críticos, capazes de articular conteúdos históricos e literários no ensino.

2. CONCEITOS-CHAVE

1. **Resistência Armada:** resposta de grupos revolucionários à repressão do Estado, visando a derrubada da ditadura (Campos Filho, 2012).

2. **Memória Coletiva:** construção social das lembranças, que dá sentido ao passado em comunidade (Halbwachs, 2006).

3. **Silêncios da Memória:** aspectos omitidos ou apagados da história oficial, mas preservados em narrativas marginais ou testemunhais (Pollak, 1989).

4. **Narrativa e Experiência:** a literatura como transmissora de vivências que escapam da versão oficial da história (Benjamin, 1981).

3. PARA REFLEXÃO

a) O que significa resistir diante da repressão?

b) Como a memória da Guerrilha do Araguaia contribui para compreender o Brasil contemporâneo?

c) Como um professor de Letras pode trabalhar a Guerrilha do Araguaia em sala de aula de forma crítica e interdisciplinar?

A Ditadura Civil-Militar no Brasil

A ditadura civil-militar no Brasil (1964–1985) foi instaurada após o golpe que depôs o presidente João Goulart, apoiado por setores conservadores da sociedade, militares e parte do empresariado. O regime se legitimou como uma suposta defesa contra o "perigo comunista", mas na prática instaurou um Estado autoritário marcado pela suspensão de direitos políticos, censura à imprensa, repressão às manifestações populares e perseguição de opositores. O Congresso foi fechado em diversas ocasiões, mandatos foram cassados e a democracia foi interrompida por mais de duas décadas.

Nos primeiros anos, movimentos de estudantes, artistas e intelectuais tornaram-se símbolos de resistência contra o regime. Porém, com o endurecimento das medidas autoritárias - especialmente após o Ato Institucional nº 5 (1968), que ampliou os poderes do Executivo, cassou mandatos, suspendeu o *habeas corpus* e instituiu censura prévia - a repressão ganhou contornos brutais. Esse período ficou conhecido como os "anos de chumbo", em que tortura, prisões arbitrárias, assassinatos e desaparecimentos se tornaram práticas sistemáticas do Estado contra opositores

Apesar da repressão, surgiram formas variadas de resistência: desde manifestações culturais, como o *Cinema Novo*, a música de protesto e o teatro engajado, até movimentos estudantis e greves operárias. Também se destacaram organizações de luta armada, como a Guerrilha do Araguaia, que buscavam enfrentar militarmente o regime. Essas tentativas, contudo, foram violentamente reprimidas, deixando mortos, desaparecidos e exilados. Muitas famílias passaram décadas em busca de informações sobre seus entes desaparecidos, enfrentando a política de silêncio e negação do Estado.

A partir de meados dos anos 1970, o regime iniciou um processo de "abertura lenta, gradual e segura", liderado pelo general Geisel, pressionado pelas mobilizações sociais e pela crise de legitimidade. A luta pela anistia ampla, geral e irrestrita tornou-se símbolo da resistência democrática, unificando diversos setores da sociedade. Em 1979, a Lei da Anistia trouxe de volta exilados e perseguidos políticos, ainda que tenha protegido militares de responsabilização por crimes. A redemocratização só se consolidaria em 1985, com a eleição indireta de Tancredo Neves e a posse de José Sarney, restabelecendo as bases para a Constituição de 1988, que reafirmou direitos e liberdades fundamentais.

(ARAÚJO, Maria Paula; SILVA, Izabel Pimentel da; SANTOS, Desirree dos Reis. *Ditadura militar e democracia no Brasil*: história, imagem e testemunho.1ed. Rio de Janeiro: Ponteio, 2013 – resumo das pp. 11-18).

Região da Guerrilha do Araguaia

A guerrilha do Araguaia vista por seu comandante: o Diário de Maurício Grabois

A Guerrilha do Araguaia foi um movimento armado organizado pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB) entre 1972 e 1975, na região amazônica, com inspiração maoísta e o objetivo de desencadear uma "guerra popular prolongada" semelhante à que ocorreu na China. Desde 1966, militantes começaram a se deslocar para o interior, buscando arregimentar camponeses e formar uma base revolucionária. O movimento pretendia criar áreas liberadas que, gradualmente, levariam à queda da ditadura militar.

Os principais acontecimentos tiveram início em abril de 1972, quando o Exército lançou sua primeira ofensiva contra os guerrilheiros. Nesse período inicial, militantes como Osvaldão e Cilon da Cunha Brun enfrentaram tropas que se passavam por geólogos. Embora numericamente inferiores (cerca de 70 guerrilheiros contra 10 mil soldados), os militantes resistiram por mais de dois anos, apoiados por parte da população camponesa local. O Diário de Maurício Grabois, comandante da guerrilha, registra o cotidiano da luta, os contatos com camponeses, o trabalho de politização e a crença na justeza da linha militar adotada pelo partido.

Entre os episódios marcantes estão a publicação do Comunicado nº 1 das Forças Guerrilheiras do Araguaia (1972), denunciando a violência das tropas do governo contra camponeses; a execução do pistoleiro Pedro Mineiro, acusado de crimes contra trabalhadores rurais; e ações contra a Polícia Militar do Pará, que extorquia moradores da Transamazônica. Os guerrilheiros também realizaram atendimento médico e reuniões políticas com posseiros, tentando conquistar legitimidade e apoio local.

A guerrilha foi combatida em três campanhas militares, sendo a última a mais brutal, marcada por ampla atividade de inteligência, infiltrações e operações de extermínio. Em 25 de dezembro de 1973, Maurício Grabois foi morto, e o movimento foi gradualmente eliminado. Oficialmente, quase todos os guerrilheiros foram mortos ou desapareceram. Apesar da derrota militar, a Guerrilha do Araguaia permanece como símbolo de resistência contra a ditadura, e suas memórias são fundamentais para o debate sobre democracia, violência estatal e direitos humanos no Brasil.

MECHI, Patrícia Sposito. A guerrilha do Araguaia vista por seu comandante: o diário de Maurício Grabois. *XXVIII Simpósio Nacional de História – ANPUH*. Rio Greande do Norte, 22 A 23 de julho de 2013. p. 1-6. ADAPTADO.

Resumo das Operações

Nome (ou conjunto de operações)	Período aproximado	Características principais
Peixe / Ouriço / Olho Vivo	Abr–Jun 1972 (fase inicial)	Pequenas ações de reconhecimento e levantamento da área, inseridas no estágio inicial das operações militares; tinham caráter de coleta de informações antes do envio do grosso das tropas.
Operação Papagaio	Abr–Out 1972	Grande mobilização inicial do Exército (instalação de bases em cidades-satélite, combinação de tropas regulares e CIEx/paraquedistas); engloba as primeiras investidas mais contundentes.
Operação Sucuri	1973 (maio–out.)	Retomada e intensificação das ações de contra-guerrilha; maior uso de inteligência, infiltração e colaboração local; busca por destacamentos e informantes.
Operação Marajoara	Out 1973 (início da terceira grande ofensiva)	Tropas disfarçadas, prisões em massa em povoados, torturas e interrogários; táticas combinadas de cerco e infiltração.
Operação Limpeza	Início de 1975 (fase final de ocultação)	Ação voltada a apagar vestígios: desmantelamento de acampamentos, queima/remoção de documentos e exumações/queima de corpos para ocultação de provas.

(CAMPOS FILHO, Romualdo Pessoa. *Guerrilha do Araguaia: a esquerda em armas*. 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Anita Garibaldi, 2012).

4. LEITURA COMPLEMENTAR

A Guerrilha do Araguaia na Literatura: Memória e Resistência

A Guerrilha do Araguaia (...) foi um evento político que grassou toda a região entre o sudeste do Pará e o norte do atual estado do Tocantins, outrora Goiás, na denominada abrangência geográfica do Bico do Papagaio. O território fora escolhido para ser a centelha revolucionária capitaneada pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB), a fim de colocar em xeque a ditadura vigente. Em seu cerne, a linha política comunista possuía as diretrizes das revoluções marxista-leninista de libertação nacional, do campo para cidade, melhor dito, vislumbrava que a revolução seria camponesa e que cercariam as cidades com vista a derrubar a ditadura.

Para tal empreitada, a direção comunista começou encaminhar, após um primeiro treinamento na China e com muito cuidado, os seus militantes ao almejado enclave guerrilheiro. Chegaram à região no final dos anos 1960, sendo ampliado o seu contingente após o Ato Institucional nº 5 (AI-5) de 1968. No início dos anos 1970 contava-se em torno de mais de 60 militantes vivendo como camponeses na região. Porém, não transcorreu como almejado pelo PCdoB, pois a repressão chegou no espaço da guerrilha antes da preparação efetiva e região fora descoberta em 1972, ficando deflagrada como uma zona de guerra, melhor dito, com aspecto de campo de concentração no arco espacial da guerrilha: ninguém poderia entrar e tampouco sair. Os primeiros a ser dizimados foram os guerrilheiros; após o massacre, a perseguição se estendeu à população campesina, com o intuito que cessasse o apoio local aos comunistas. O saldo da ação militar contra os comunistas e a população campesina foi extremamente cruel, contando com dezenas de desaparecidos políticos entre os guerrilheiros: o alto escalão da ditadura desferiu a sentença de morte e a ocultação de cadáver aos seus oponentes da Guerrilha do Araguaia (GASPARI, 2002). De igual modo, destacamos que o Terror de Estado se manteve vigilante e impondo medo à população local de modo perene, desferindo a seguinte sentença: 1) nada poderia sair na imprensa nacional sobre a guerrilha, a fim de não servir como exemplo; e de modo algum, 2) a população local poderia relatar o ocorrido e deveria manter o sigilo sobre o fatídico. Nessa perspectiva, durante um longo período, a Guerrilha do Araguaia ficou sem ressonância e como uma página fechada à força pelos militares, como se nada tivesse acontecido, tentando sepultar a memória coletiva do ocorrido na região.

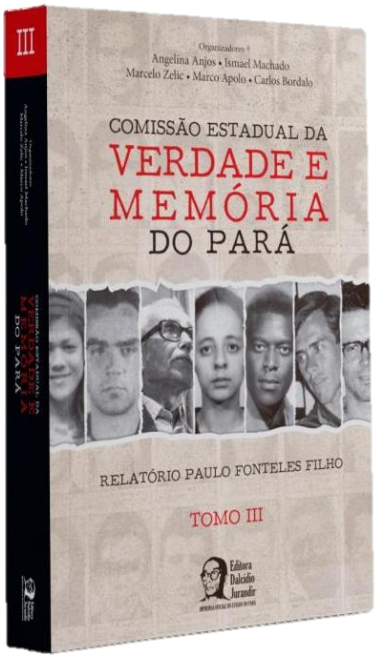
Somente podemos falar de umas primeiras tentativas de produção bibliográfica sobre o ocorrido com uma entrevista do ex-guerrilheiro do Araguaia e sobrevivente, José Genoíno, após sua saída da cadeia para um jornal de grande circulação. Posteriormente a divulgação, o jornalista Fernando Portela lançou o livro reportagem, Guerra de Guerrilhas no Brasil (PORTELA, 1979), no limiar da autoanistia política de 1979, tornando-se o primeiro livro de testemunho sobre o ocorrido com a epopeia guerrilheira e a sentença desferida pela corporação militar. Conforme o esperado, essa publicação mexeu com os segredos da guerrilha, sigilo que a corporação militar intencionava ardorosamente esconder, sobretudo, porque o livro apresentava em destaque fotos e notas biográficas dos militantes comunistas desaparecidos. Nesse momento, com as revelações do livro, juntamente com as denúncias do José Genuíno, podemos dizer que seguramente foi a primeira vez que a sociedade civil brasileira se viu confrontada com o ocorrido nas selvas amazônicas, seria, portanto, a memória individual de um guerrilheiro versus a histórica oficial do silêncio edificada pela corporação militar. Também, com muito impacto, foi o momento em que muitas famílias viram as fotos dos seus filhos e filhas perfiladas por meio do livro, tendo o conhecimento de estarem mortos.

(FIGUEIREDO, César Alessandro Sagrillo. A Guerrilha do Araguaia na Literatura: Memória e Resistência. *Revista Porto das Letras*, Vol. 9, N. 3, 2023, p. 179-181 – ADAPTADO).

5. EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

a) Elabore um mapa conceitual que conecte os seguintes termos: 1. Ditadura Civil-Militar; 2. Guerrilha do Araguaia; 3.Testemunho; e, 4. Memória histórica.

b) Escreva um parágrafo reflexivo respondendo: *De que forma o conhecimento da Guerrilha do Araguaia pode contribuir para a prática docente em Literatura?*



6. SUGESTÕES DE APROFUNDAMENTO NO TEMA

COMISSÃO ESTADUAL DA VERDADE E DA MEMÓRIA DO PARÁ. Tomo III. Anjos, Angelina; Machado, Ismael; Zelic, Marcelo; Apolo, Marco; Bordalo, Carlos. Belém: Editora Dalcídio Jurandir; Imprensa Oficial do Estado do Pará, 2022.

7. DE OLHO NO MUNDO DIGITAL

Acesse mapas digitais (Google Earth, IBGE) para explorar o território do Araguaia e refletir sobre sua dimensão geográfica e simbólica.

AULA 2: INTRODUÇÃO ÀS TEORIAS DO TESTEMUNHO

1. INTRODUÇÃO

O testemunho é uma forma de narrar experiências vividas ou observadas, servindo como registro histórico, literário, político e cultural. Ele desempenha um papel crucial na construção da memória coletiva e individual, sendo uma ferramenta para compreender eventos passados e refletir sobre questões éticas, sociais e políticas. Nesta aula, apresentaremos os conceitos básicos de testemunho e exploraremos algumas teorias que ajudam a analisar sua função e relevância na literatura e na história.

2. CONCEITOS-CHAVE

1. **Testemunho**: s.m. (sXIII cf. FichIVPM) ato ou efeito de testemunhar 1 declaração, depoimento de uma ou mais testemunhas 2 demonstração cabal, plena; prova <via-se naquele gesto o t. de uma grande afeição> 3 afirmação fundamentada; depoimento, comprovação <os Evangelhos são t. da vida e da doutrina de Cristo> 4 (sXIV) o que indica a existência de (algo); prova, sinal, indício <exibiu as equimoses como t. da agressão> 5 ação de certas faculdades que nos conduzem ao conhecimento da verdade <o t. dos sentidos> 6 GEOL elevação isolada, remanescente de antigas superfícies erodidas. (Dicionário Houaiss, 2022, p. 2710).

2. **Teoria Testemunhal:** enfatiza a relação entre narrativa e experiência vivida, considerando ficção e não-ficção como meios de comunicação da memória (Seligmann-Silva, 2008).

3. ***Shoah***: foca em testemunhos de sobreviventes do Holocausto, analisando memória, ética e verdade (Seligmann-Silva, 2004).

4. ***Testimonio***: abordagem que discute o testemunho como instrumento de resistência, política e afirmação da subjetividade (Urrutia, 2021).

3. PARA REFLEXÃO

a) Quais os desafios éticos envolvidos ao relatar experiências de outras pessoas ou de grupos marginalizados?

b) De que forma o testemunho contribui para a construção da memória coletiva?

A Teoria do Testemunho e Epistemologia

A Teoria do Testemunho, conforme apresentada por Delvair Custódio Moreira (2013), trata o testemunho como uma fonte epistemológica de conhecimento, ou seja, uma forma válida de aquisição de crenças sobre o mundo com base no relato de terceiros. Moreira distingue o testemunho de outras formas de comunicação, destacando que ele envolve a transmissão de experiências ou fatos que o receptor não vivenciou diretamente. Nesse sentido, o testemunho não se limita ao relato literal de eventos, mas inclui a interpretação e a perspectiva do emissor, o que torna a avaliação de sua confiabilidade um elemento central da teoria.

Moreira organiza a Teoria do Testemunho a partir de duas grandes correntes epistemológicas: a reducionista e a antirreducionista. A abordagem reducionista sustenta que a confiança no testemunho depende de justificativas independentes, como evidências ou verificações externas que confirmem a veracidade do relato. Já a perspectiva antirreducionista argumenta que o testemunho é, por si só, uma fonte legítima de conhecimento, dispensando necessariamente provas externas, desde que o emissor seja considerado confiável. Essa divisão permite compreender os diferentes níveis de credibilidade e as condições em que o testemunho pode ser aceito como conhecimento.

Outro ponto central na organização da teoria por Moreira (2013) é a relevância ética do testemunho, especialmente quando se trata de relatos sobre experiências traumáticas ou de minorias marginalizadas. A confiança no testemunho envolve não apenas avaliação lógica, mas também responsabilidade moral do receptor, que deve reconhecer a validade da experiência do outro e respeitar sua narrativa. Assim, o testemunho é tratado como um instrumento de justiça epistemológica, valorizando a voz daqueles que, de outra forma, poderiam permanecer invisíveis.

Por fim, Moreira (2013) ressalta a importância do contexto social e cultural para a análise do testemunho. O modo como os relatos são interpretados depende das normas, expectativas e preconceitos do público receptor, o que influencia diretamente a aceitação ou rejeição do testemunho como conhecimento válido. A teoria apresentada busca, portanto, equilibrar aspectos epistemológicos, éticos e sociais, oferecendo um quadro abrangente para compreender como o testemunho contribui para a construção do conhecimento, da memória e da narrativa histórica e literária.

(ALVES, João Paulo Alves, set./2025)

Tradições Canônicas do Testemunho: *Shoah* e *Testimonio*

A *Shoah*, termo que significa “calamidade” em ídiche, refere-se ao genocídio sistemático promovido pelo regime nazista durante a Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de exterminar judeus, ciganos, homossexuais, pessoas com deficiência, opositores políticos e outros grupos considerados indesejáveis (Pereira, 2019). Diferentemente do termo “Holocausto”, de origem grega e religiosa, a *Shoah* enfatiza a dimensão histórica e concreta da catástrofe. Através de campos de concentração e extermínio, como Auschwitz, o regime nazista demonstrou a eficiência burocrática e industrializada do genocídio, desafiando conceitos de civilização, humanismo e moralidade (Bauman, 1998; Marco, 2004).

No plano literário, a *Shoah* deu origem à Literatura de Testemunho, espaço de resistência e memória que busca narrar experiências de exclusão e sofrimento, mesmo diante da dificuldade de representação do indizível. Autores como Primo Levi, Anne Frank, Paul Celan e Art Spiegelman exploraram a tensão entre a necessidade de relatar e os limites da linguagem. Correntes críticas hegemônicas defendem a autoridade exclusiva dos sobreviventes, enquanto perspectivas estéticas ampliam a análise para formas literárias diversas, evidenciando o impacto estrutural e simbólico da *Shoah* na modernidade e na experiência humana (Marco, 2004; Agamben, 2008; Seligmann-Silva, 2022).

Já o *Testimonio* latino-americano emerge como prática literária e política que dá voz a grupos marginalizados e relata experiências de violência, repressão e resistência em contextos autoritários, especialmente durante as ditaduras militares do século XX (Dutilleux, 2011). Diferente de uma autobiografia ou narrativa realista, o testimonio articula memória, história e política, funcionando como registro documental e testemunhal das violações de direitos humanos, como demonstram obras como *I, Rigoberta Menchú* e os relatórios *Nunca Más*.

Além disso, o *Testimonio* é legitimado por dispositivos sociais e políticos que reconhecem sua importância como ferramenta de denúncia e preservação da memória histórica. Instituições como a Casa de las Américas, em Cuba, consolidaram o gênero ao valorizar narrativas que expressam a experiência da revolução e das lutas populares, incentivando a produção literária comprometida com causas sociais e políticas (Dutilleux, 2011; Penna, 2003). Assim, o testimonio latino-americano se caracteriza por sua historicidade, exterioridade em relação à imitação literária e constante adaptação às urgências históricas e políticas do continente.

(ALVES, João Paulo Costa. *Livros do silêncio e da memória: Teorias do Testemunho e narrativas da Guerrilha do Araguaia na formação do professor-leitor*. Tese de doutoramento. UFNT: Araguaína, 2026, p.88-89).

4. LEITURA COMPLEMENTAR

Testemunho e teor testemunhal

Toda produção estética registra, documenta, apresenta uma "barbárie intrínseca" (como afirma Michael Löwy sobre os monumentos de vitórias imperiais). Em Infância em Berlin, Walter Benjamin descreve o Siegessäule (A Coluna da Vitória) de modo aterrorizante. Sua imaginação pueril vê nas sombras inferiores os soldados fustigados pelo frio (Michäel Löwy, 2011, pág 24).

A noção de teor testemunhal (zeugnisgehalt – que traz consigo um testemunho) é importante – como lemos em Walter Benjamin dois parágrafos após a famosa afirmação citada anteriormente – para a tarefa do materialista histórico, qual seja, escovar a história a contrapelo. Para Mário Augusto Medeiros da Silva, em sua dissertação de mestrado sobre os romances testemunhais brasileiros escritos após a lei da anistia, o teor testemunhal procura unir (ou amalgamar) os aspectos de uma ficção política a uma narrativa com estatutos de verdades (2006, p. 14). Para ele,

> *uma ficção política com teor testemunhal é uma construção social, cuja eficácia prática e simbólica é utilizada em determinados meios para determinados fins, quais sejam: narrar, através de um relato literário – romance, depoimento autobiográfico – fatos e ações sofridos ou cometidos por sujeitos históricos, apresentando-lhes os papéis desempenhados na constituição daqueles fatos (p. 14-15)*

O teor testemunhal é qualquer conteúdo presente na obra (seja nas artes visuais, seja na literatura) que possibilite a análise, leitura ou interpretação de relações díspares de poder (capitalista, patriarcal, de gênero...); leituras da história a contrapelo, contra oficial; violência física, psicológica ou simbólica; ou cuja interpretação se insira no amplo contexto de debate dos direitos humanos. Em algumas obras, em obras programaticamente escritas para testemunhar (Seligmann-Silva, 2010, p. 19) ou em obras inequivocamente testemunhais (Ferraz de Paula, 2017, p. 90) este teor é explícito, indubitável e, por vezes, expresso em uma linguagem realista. Entretanto, na maioria das obras, o teor testemunhal aparece implícito, pressuposto, subentendido, camuflado pela linguagem poética, metaforizado ou alegorizado. É através do teor testemunhal que obras não-evidentemente-testemunhais podem e precisam ser lidas. É por meio dele que podemos ler monumentos de poder (inquestionavelmente não-testemunhais) a fim de percebermos como populações, grupos e etnias historicamente silenciada aparecem sufocadas. Se todo documento de cultura é um documento de barbárie (como afirma Walter Benjamin), todo documento possibilita uma leitura a contrapelo da história. Perceber o teor testemunhal é perceber (ou ler) pelas frestas estas barbáries.

SOUZA, Abilio Pachêco de. Testemunho, teor testemunhal e dispositivo na literatura brasileira 60-70. *In* Abilio Pachêco de Souza SOUZA, Abilio Pachêco de; FIGUEIREDO, César Alessandro Sagrillo; PEREIRA, Helena Bonito Couto. *Escritas e escritos (im)pertinentes na Amazônia: estudos de literatura, resistência, testemunho e ensino*. Rio Branco: Nepan Editora, 2024. p. 18-20

5. EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

a) Explique a diferença entre a *Shoah* e o Holocausto, considerando o enfoque histórico, linguístico e literário de cada termo.

b) Com base no texto "Tradições Canônicas do Testemunho: *Shoah* e *Testimonio*", discorra sobre como esse gênero literário articula memória, história e política.

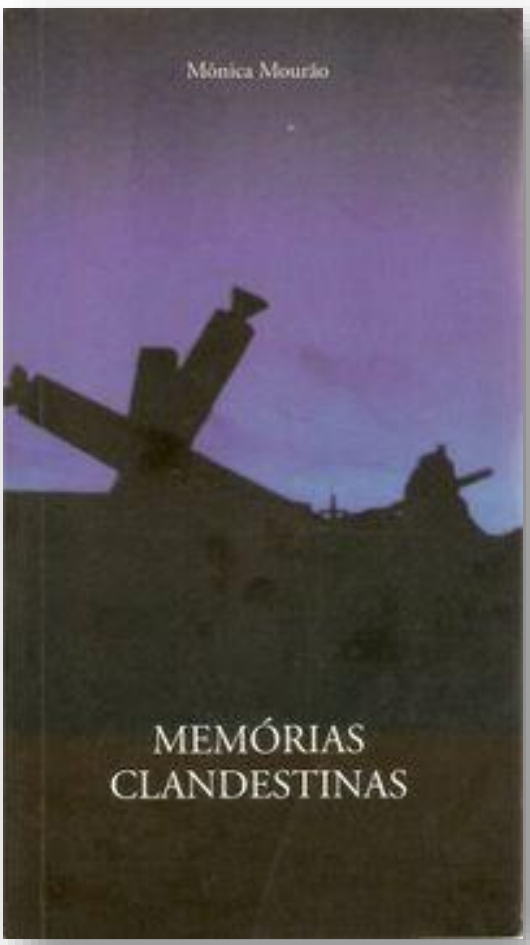
c) Leia o trecho de um texto histórico ou literário de sua escolha. Identifique o teor testemunhal presente, considerando:

- a experiência relatada;
- a subjetividade do narrador;
- os elementos éticos e morais implicados.

Explique como esses elementos contribuem para a compreensão da obra como produção testemunhal.

6. SUGESTÕES DE APROFUNDAMENTO NO TEMA

MOURÃO, Mônica. *Memórias Clandestinas: a imprensa e os cearenses desaparecidos na Guerrilha do Araguaia*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2005.



O livro aborda as memórias de familiares e amigos dos militantes cearenses desaparecidos na Guerrilha do Araguaia, ocorrida nos anos 1970. Por meio de entrevistas, a autora analisa como essas pessoas lidam com a ausência e a esperança de reencontro, mesmo diante de indícios de que os corpos tenham sido destruídos para apagar vestígios do massacre. Dos sete militantes cearenses, apenas três retornaram, enquanto os outros quatro permanecem desaparecidos. O livro evidencia a escassez de registros na grande imprensa devido à censura da ditadura civil-militar, com exceção de duas reportagens semelhantes publicadas em 1972. Mônica Mourão investiga os resquícios do confronto na memória coletiva, destacando o papel da oralidade e da resistência em preservar essas histórias.

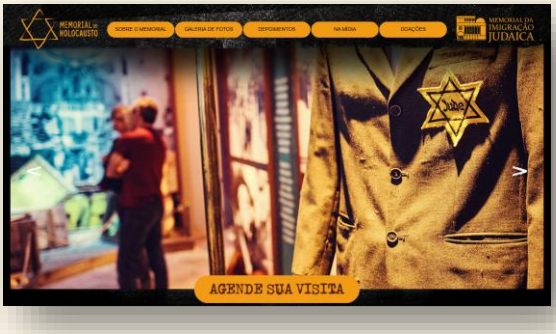
7. DE OLHO NO MUNDO DIGITAL

No Brasil, existem três principais instituições dedicadas à memória do Holocausto:

www.museudoholocausto.org.br

Museu do Holocausto de Curitiba (PR), inaugurado em 20 de novembro de 2011, localizado na Rua Coronel Agostinho Macedo, 248. Primeira instituição dedicada à memória do Holocausto no Brasil, o museu busca preservar a memória das vítimas e alertar as novas gerações sobre os perigos do ódio, da intolerância e do racismo.

www.memorialdoholocausto.org.br



Memorial do Holocausto de São Paulo (SP), inaugurado em novembro de 2017, localizado na antiga Sinagoga do Bom Retiro. Ocupa o último andar do Memorial da Imigração Judaica e oferece exposições que preservam a memória das vítimas do Holocausto e educam sobre os perigos do preconceito, discriminação e intolerância.

www.memorialdoholocaustorio.org.br

Memorial às Vítimas do Holocausto do Rio de Janeiro (RJ), inaugurado em 19 de janeiro de 2023, localizado no Parque Yitzhak Rabin, Mirante do Pasmado – Botafogo. Conta com área externa com monumento de 20 metros e espaço expositivo que apresenta o antes, durante e depois da ação nazista, sensibilizando visitantes sobre o genocídio e suas consequências históricas.

AULA 3: O TESTEMUNHO SOBRE A GUERRILHA DO ARAGUAIA NA PROSA (LIVROS NÃO FICCIONAIS E FICCIONAIS)

1. INTRODUÇÃO

A Guerrilha do Araguaia (1972–1975) representa um capítulo emblemático da história brasileira, marcado por conflitos armados entre o Exército Brasileiro e militantes do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) na região amazônica. A memória desses acontecimentos vem sendo preservada tanto por relatos históricos quanto por narrativas literárias. Nesta aula, abordaremos o testemunho na prosa, considerando textos não ficcionais (documentos, entrevistas e livros históricos) e ficcionais (romances e contos inspirados nos eventos). O estudo da literatura testemunhal permite compreender como a memória, a ética e a política se entrelaçam na construção da narrativa histórica e literária.

2. CONCEITOS-CHAVE

1. **Literatura de Testemunho:** é um gênero literário que busca representar experiências de violência, repressão ou trauma, com o objetivo de preservar a memória histórica e dar voz às vítimas. Ele destaca que essa literatura se caracteriza por um vínculo estreito com a realidade histórica, a indissociabilidade entre autor, narrador e personagem, a dimensão coletiva do relato e a supremacia do caráter ético sobre o estético (Salgueiro, 2012).

2. **Subjetividade e ficcionalização:** nos textos ficcionais, experiências históricas podem ser recriadas de forma literária, mantendo a essência do testemunho sem necessariamente aderir à literalidade dos fatos (Amaral; Rodrigues, 2014).

3. **Ética e política do testemunho:** responsabilidade de narrar a história de maneira justa, respeitando vítimas e sobreviventes, ao mesmo tempo em que se considera a função literária da narrativa (Kolleritz, 2004).

3. PARA REFLEXÃO

1) Quais são os elementos que diferenciam um relato ficcional de um relato não ficcional sobre a Guerrilha do Araguaia?

2) Como a literatura testemunhal contribui para a preservação da memória histórica?

3) Quais dilemas éticos surgem ao escrever ou ler textos sobre experiências de violência política?

4) De que maneira a subjetividade do autor influencia a construção do testemunho?

A ficção sobre a Guerrilha do Araguaia

Embora existam numerosas obras não ficcionais, como reportagens, dissertações e ensaios críticos , que documentam a Guerrilha do Araguaia, o estudo mostra que mesmo esses textos, embora mais próximos de registros históricos, contêm marcas de subjetividade e memória, construindo contranarrativas que desafiam a versão oficial e militarizada da história. Assim, a produção não ficcional contribui para a descolonização do saber histórico, validando relatos de camponeses, ex-guerrilheiros e familiares dos desaparecidos.

As obras ficcionais, no entanto, revelam com maior clareza a potência da Literatura de Testemunho. Ao permitir a ficcionalização de experiências históricas, elas combinam memória, subjetividade e estética, transformando o testemunho em experiência literária e ética. Romances, contos e coletâneas como *Antes do Passado* (Brum, 2012), *Azul Corvo* (Lisboa, 2014) e *Contos da Guerra do Araguaia* (Silva & Ramos Jr., 2022) incorporam vozes de personagens reais ou baseadas em experiências históricas, resgatando silenciamentos e traumas da memória coletiva.

Dessa forma, a Literatura de Testemunho ficcional articula ética, estética, pedagogia e política, funcionando como prática de resistência frente à violência e ao apagamento histórico. Essas obras oferecem ao leitor não apenas registros do passado, mas experiências de escuta, reflexão e engajamento crítico, reafirmando a função insubstituível da literatura como instrumento de memória, denúncia e reivindicação de direitos em contextos de violência política.

ALVES, João Paulo Costa. *Livros do silêncio e da memória: Teorias do Testemunho e narrativas da Guerrilha do Araguaia na formação do professor-leitor*. Tese de doutoramento. UFNT: Araguaína, 2026.. *Texto adaptado, p. 146-147.*

Perspectivas sobre a Guerrilha do Araguaia

A diversidade de autores que abordam a Guerrilha do Araguaia, incluindo guerrilheiros, simpatizantes, militares e pesquisadores da área da história, reflete a multiplicidade de perspectivas na construção de narrativas sobre esse período. A criação da Comissão Nacional da Verdade (CNV) e as comemorações pelos 50 anos da Guerrilha do Araguaia impulsionaram a publicação de diversas obras, abrangendo tanto produções acadêmicas e jornalísticas quanto narrativas ficcionais. Esse movimento ampliou a circulação de relatos que resgatam memórias, denunciam violações de direitos humanos e reinterpretam o passado sob diferentes enfoques, contribuindo para a reconfiguração da memória coletiva. A produção dessas obras, muitas vezes mediada por "letrados" que registram experiências de vítimas diretas da violência estatal, evidencia o papel da escrita como instrumento de intervenção no presente, ao trazer à tona vozes e histórias silenciadas pela narrativa oficial da ditadura civil-militar.

A escrita sobre a Guerrilha do Araguaia pode ser analisada em três momentos distintos, cada um revelando tensões epistemológicas e políticas na construção da memória histórica. Inicialmente, os relatos de jornalistas, militantes e ex-guerrilheiros, impregnados pela experiência direta, configuram-se como testemunhos viscerais que priorizam a denúncia das atrocidades cometidas pelo regime e a preservação da memória dos que lutaram, funcionando como atos de resistência contra o silenciamento imposto. Em um segundo momento, intelectuais de esquerda apropriam-se do episódio para problematizar o projeto revolucionário brasileiro, posicionando o Araguaia como um símbolo de contestação à ditadura, mas também como um espaço de disputa ideológica, onde as narrativas oficiais são desafiadas e os ideais de transformação social são reinterpretados à luz de novos contextos políticos. Por fim, o terceiro momento, marcado pela produção acadêmica, introduz uma abordagem metodologicamente rigorosa, na qual historiadores e pesquisadores mobilizam fontes primárias e secundárias para analisar a Guerrilha como um fenômeno histórico multifacetado, investigando suas raízes sociais, dinâmicas políticas e impactos de longa duração. Essas perspectivas, ao dialogarem com o modelo latino-americano do *Testimonio*, não apenas resgatam vozes marginalizadas, mas também tensionam as estruturas de poder que sustentam a "história oficial", reafirmando a escrita como um ato político de resistência, reparação e produção de sentido frente ao trauma da violência estatal.

ALVES, João Paulo Costa. *Livros do silêncio e da memória: Teorias do Testemunho e narrativas da Guerrilha do Araguaia na formação do professor-leitor*. Tese de doutoramento. UFNT: Araguaína, 2026, p. 89-90.

4. LEITURA COMPLEMENTAR

Os primeiros escritos acerca da Guerrilha do Araguaia em livros

No caso específico dos livros acerca da Guerrilha do Araguaia, observa-se o seu uso enquanto suporte para a construção e divulgação das memórias desse conflito armado. São obras que evidenciam uma constante disputa de memórias em torno desse acontecimento. As primeiras obras que narram esta guerrilha foram escritas por jornalistas e podem ser enquadradas dentro de uma produção não acadêmica que, de certa forma, visa alcançar o grande público. Elas também foram as responsáveis pela construção do passado sobre esse movimento armado de forma mais livre, sem necessariamente seguir as regras da academia.

Ao analisar esse tipo produção nas décadas de 1960 e 1970 na Argentina, afirmou Beatriz Sarlo:

> *As modalidades não acadêmicas de texto encaram a investida do passado de modo menos regulado pelo ofício e pelo método, em função de necessidades presentes, intelectuais, afetivas, morais ou políticas. Muito do que foi escrito sobre as décadas de 1960 e 1970 na Argentina (e também em outros países da América Latina), em especial as reconstituições baseadas em fontes testemunhais, pertence a esse estilo. Em termos de criações de memórias, os livros aqui analisados constroem uma visão desse passado da guerra no Araguaia que também aproximaram suas versões daquelas construídas pelo senso comum, sem necessariamente expor as contradições presentes nos seus testemunhos. Dessa forma, sua escrita pode ser percebida enquanto um lugar de denúncia para as arbitrariedades praticadas no Araguaia, talvez um dos espaços possíveis para se fazer críticas à ditadura, além de algumas reportagens publicadas em jornais e revistas da época.*

Escritas a partir de testemunhos, cabe aqui uma reflexão acerca do uso desse recurso para a construção do passado. No seu estudo em relação ao caso argentino, Beatriz Sarlo (2007) afirma que o testemunho traz em si uma ideia de dar à narrativa a noção de "verdade". Para isso, aquele(a) que testemunha preza, sobretudo, pelo detalhe dos fatos. Assim, disse a autora: "[a] proliferação do detalhe individual fecha ilusoriamente as fendas da intriga e a apresenta como se ela pudesse ou devesse representar um todo, algo completo e consistente porque o detalhe o certifica, sem ter de mostrar sua necessidade." Outro autor que atribui importância à prática do testemunho é Paul Ricoeur (2007). Segundo este autor, o testemunho faz uso da memória e a conduz do campo da oralidade para o campo da escrita. É, assim, o principal recurso para assegurar que algo aconteceu. Essa questão é fundamental para o caso das primeiras obras escritas sobre a Guerrilha do Araguaia, pois elas vão dar aos vários depoimentos utilizados para a sua produção esse caráter da prova, e com isso garantir a legitimidade da narrativa apresentada. É, portanto, dentro dessa lógica que insiro a escrita e a publicação dos livros acerca da luta armada no Araguaia. Por meio deles, seus autores fizeram uso dos testemunhos de vários personagens envolvidos direta e indiretamente nesse acontecimento. Assim, os livros *A Guerrilha e Araguaia*, de Palmério Dória e demais jornalistas, e *Guerra de guerrilhas no Brasil*, de Fernando Portela, utilizaram como fonte principal para a sua escrita as entrevistas realizadas por estes jornalistas com moradores do Araguaia, ex-guerrilheiros e representantes das Forças Armadas. Produzidos ainda no calor dos acontecimentos, ou seja, poucos anos após o final da Guerrilha do Araguaia (final dos anos de 1970), tais obras centraram sua narrativa nos depoimentos orais desses personagens. Nesse período, é válido ressaltar que boa parte da documentação sobre o assunto, atualmente disponível, ainda não havia sido divulgada, em especial os relatórios elaborados pelos próprios militares que atuaram no combate à Guerrilha do Araguaia. Dessa forma, a única fonte viável para os jornalistas eram os testemunhos.

Enquanto lugar privilegiado para a construção das memórias acerca da guerrilha, trata se de um suporte capaz de expressar as diferentes visões para o conflito ocorrido na década de 1970 no sul do Pará. Se, por um lado, houve toda uma dificuldade de acesso aos documentos oficiais produzidos pelos militares na época do conflito, por outro os livros buscaram "ocupar" e/ou suprir essa lacuna por meio de depoimentos de personagens ligados direta ou indiretamente a este acontecimento. Criaram heróis e também vilões, criticaram a atuação dos militares e do governo da época e mostraram para o resto do Brasil uma guerra pouco conhecida. Contribuíram com a noção de luta armada enquanto "resistência à ditadura". Tornaram-se documentos para os pesquisadores que a posteriori passaram a estudar e a interpretar a Guerrilha do Araguaia.

No intuito de compreender as disputas de memórias em torno da escrita da Guerrilha do Araguaia, optei pelo termo "guerra de memórias". Essa expressão, embora tenha uma conotação forte, representa, nesse estudo, as acusações, as rivalidades, os revanchismos, os ressentimentos, a construção de uma narrativa que dê conta da "verdade" para os fatos, e, sobretudo, as disputas em torno da construção das memórias acerca da Guerrilha do Araguaia pelos vários grupos que participaram de forma direta ou indireta da guerra. Evidentemente, o conceito de "guerra de memórias" já foi utilizado por outros pesquisadores para interpretar alguns acontecimentos da história contemporânea no Brasil e da história da Europa. (...)

Em relação ao Brasil, temos o estudo realizado por João Roberto Martins Filho, que enfatiza a ditadura militar a partir dos depoimentos dos militantes e dos militares. Nesse artigo, o referido autor analisa a produção da memória sobre o período de exceção no Brasil a partir da publicação de obras de militantes de esquerda e de livros e/ou depoimentos de militares. Destaca a produção das memórias da esquerda, inicialmente, por meio da publicação de dois livros, ambos do final da década de 1970: *Em câmara lenta* (Renato Tapajós, cuja primeira edição é de 1977) e *O que é isso, companheiro*?, (Fernando Gabeira, 1979). Além dessas obras, João Roberto Martins também destacou a obra *Brasil: nunca mais*, publicada em 1985 por meio da editora Vozes. Nela, a tortura é denunciada enquanto crime de um sistema de política estatal. No caso das memórias dos militares, as obras que de certa forma inauguram a "reação" desses às memórias publicadas pelas esquerdas foram, segundo João Roberto Martins, *Brasil sempre*, de Marco Pollo Giordani (1986) e *Rompendo o silêncio*, de Carlos Alberto Brilhante Ustra (1987). Depois delas, tem-se a coleção publicada pelo CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil) da Fundação Getúlio Vargas, na década de 1990. (...)

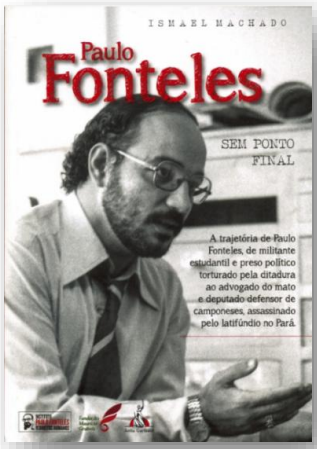
Considero o termo "guerra de memórias" propício para representar as disputas, as acusações, os ressentimentos, os sentimentos de vingança e, por que não dizer, de justiça presentes nas narrativas que vêm sendo construídas pelos grupos que atuaram na Guerrilha do Araguaia. É perceptível, nas elaborações de suas memórias ao longo dos anos após o fim do conflito bélico, uma tentativa de afirmação e convencimento da sociedade brasileira de qual a versão seria a "verdadeira". Essa disputa perpassa do campo das memórias para o campo das disputas políticas.

SILVA, Wellington Sampaio da. *Livros em guerra*: a escrita e a disputa do passado sobre a Guerrilha do Araguaia (1978-2015). Tese de doutorado. Fortaleza: UFC, 2019. Texto adaptado. p. 27-31

5. EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

Siga os passos abaixo:
a) Escolha um trecho de um livro ficcional e um de um livro não ficcional sobre a Guerrilha do Araguaia.
b) Identifique:
1. Elementos de testemunho presentes no texto;
2. a presença da subjetividade do autor;
3. Aspectos éticos ou políticos discutidos;
4. diferenças na abordagem da memória entre os dois textos.

6. SUGESTÕES DE APROFUNDAMENTO NO TEMA



Este livro-reportagem de Ismael Machado é um reencontro vivo e impactante com a memória desse exemplar militante comunista, exultante e abnegado defensor do povo pobre da vasta região amazônica, estendida ao estado do Pará. A obra descreve com precisão como o apropriadamente qualificado "advogado do mato" foi morto pela execução de um "crime bem planejado", realizado por profissionais que vivem desse macabro mister, sustentados mediante paga de manda-chuvas do latifúndio, verdadeiros donos do poder na região.
Renato Rabelo

Disponível em: www.institutopaulofonteles.org.br/livro-paulo-fonteles-sem-ponto-final/

7. DE OLHO NO MUNDO DIGITAL

https://armazemmemoria.com.br/centros-bnm/

O site é uma plataforma digital dedicada à preservação e disseminação da memória histórica brasileira, com foco na documentação da ditadura civil-militar (1964–1985). Através do Centro de Referência Virtual Brasil Nunca Mais (BNM), o site disponibiliza acervos que incluem documentos judiciais, depoimentos, fotografias e outros materiais relacionados às vítimas da repressão política. Esses conteúdos foram originalmente reunidos pelo projeto *Brasil: Nunca Mais*, desenvolvido nos anos 1980 pelo Conselho Mundial de Igrejas e pela Arquidiocese de São Paulo, e agora estão acessíveis online, permitindo que pesquisadores e o público em geral consultem mais de 5 milhões de páginas digitalizadas. A plataforma também oferece acesso a outros centros temáticos, como Indígena, Luta pela Terra, Movimento Sindical, Criança e Adolescente, Paulo Freire e Reforma Sanitária, reunindo uma vasta gama de documentos, vídeos, áudios e imagens que abordam diversos aspectos da história social e política do Brasil. Além disso, o Armazém Memória promove exposições digitais, oficinas e palestras, contribuindo para a educação e conscientização sobre direitos humanos e justiça de transição.

AULA 4: A GUERRILHA DO ARAGUAIA CONTADA PELO GÊNERO CONTO E CRÔNICA

1. INTRODUÇÃO

A Guerrilha do Araguaia foi um dos episódios mais marcantes e silenciados da história brasileira. Entre o final da década de 1960 e meados de 1970, um grupo de militantes do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) se instalou na região amazônica, entre o Pará, o Tocantins e o Maranhão, com o objetivo de organizar a resistência armada contra a ditadura civil-militar. O confronto com as forças armadas foi violento, e o número de mortos e desaparecidos permanece, até hoje, uma ferida aberta na memória nacional (Figueiredo, 2020).

A literatura, ao tratar de temas como a ditadura, a repressão e a resistência, assume um papel essencial: o de testemunhar. Ao transformar fatos históricos em narrativas ficcionais, contos e crônicas recuperam memórias, vozes e perspectivas esquecidas, revelando dimensões humanas e simbólicas desses acontecimentos. Nesta unidade, o profissional de Letras será convidado a compreender a Guerrilha do Araguaia não apenas como um fato político, mas como um espaço de memória literária, onde o conto e a crônica se tornam instrumentos de resistência e de reflexão.

2. CONCEITOS-CHAVE

1. **Memória e resistência:** recordar é resistir. Ao narrar a dor, a luta e o esquecimento, a literatura mantém viva a história de quem lutou por liberdade e justiça (Figueiredo, 2020).

2. **Comissão Nacional da Verdade (CNV):** Órgão criado pela Lei nº 12.528/2011 com a finalidade de investigar e esclarecer graves violações de direitos humanos ocorridas no Brasil entre 1946 e 1988, especialmente durante a ditadura civil-militar, contribuindo para o direito à memória, à verdade histórica e à reconciliação nacional (cnv.org.br)

3. **Memória e Verdade:** Conjunto de ações e políticas voltadas à preservação, investigação e divulgação de fatos históricos relacionados a violações de direitos humanos, garantindo que esses acontecimentos sejam conhecidos pela sociedade para evitar sua repetição e fortalecer a democracia (cnv.org.br).

3. PARA REFLEXÃO

a) Qual a importância de escritores e escritoras revisitarem o período da ditadura civil-militar em suas obras?

b) Como o gênero conto pode representar, em poucas páginas, um episódio tão complexo da história?

c) Em que aspectos a crônica pode funcionar como um registro histórico e, ao mesmo tempo, como um olhar sensível sobre o passado?

d) Você considera que lembrar o passado é uma forma de resistência? Por quê?

CONFIDENCIAL – Incidentes entre posseiros e policiais na região de São Geraldo, município de Conceição do Araguaia, estado do Pará, sem data, assinado pelo coronel Danilo Venturini, cujo objetivo foi o de verificar se os presos estavam sofrendo torturas e se os moradores estavam sofrendo perseguição e sevícias, pelo que concluiu, eram infundadas as denúncias feitas por D. ESTEVÃO e D. ALANO:

"c. ... No dia 30 de outubro, uma tropa da PM, devidamente reforçada e alertada por um morador da região, cercou, no mesmo local da emboscada, onde continuavam entrincheirados, cerca de uma centena de posseiros e familiares, iniciando um processo de triagem visando a separar as mulheres e crianças e prender os elementos diretamente envolvidos na ação do dia 27.

(...) d. Não encontrei indícios de violência praticada pela tropa da Polícia Militar do Pará contra o Padre FLORENTINO MABONI, os posseiros e seus familiares. O Comandante da PMPA determinou retorno para Marabá do destacamento envolvido nos acontecimentos do dia 27 de outubro, substituindo-o por um contingente de maior efetivo que veio de Belém.

e. Os prisioneiros tiveram as mãos amarradas, nas costas, pelos dedos polegares, no deslocamento de BOA VISTA para SÃO GERALDO, por tratar-se de percurso feito em longo trecho de vegetação densa. Assim, à luz dos dados e informações que recolhi em minha passagem por SÃO GERALDO, MARABÁ e BELÉM, considero infundadas as denúncias apresentadas por D. ESTEVÃO CARDOSO AVELAR e D. ALANO MARIA PENA sobre os incidentes ocorridos em SÃO GERALDO entre posseiros, funcionários do INCRA e membros da Polícia Militar do Pará."

O ambiente era, novamente, de guerra, medo, perseguição e luta pela sobrevivência.

CAPÍTULO 10. Justiça de transição: situação atual, sugestões para efetivação nacional e repercussões no estado do Pará, p. 347. In COMISSÃO ESTADUAL DA VERDADE E DA MEMÓRIA DO PARÁ. Tomo III. Anjos, Angelina; MACHADO, Ismael; ZELIC, Marcelo; APOLO, Marco; BORDALO, Carlos. Belém: Editora Dalcídio Jurandir. Imprensa Oficial do Estado do Pará, 2022.

O SONHO

Começou com um sonho, uma luta, um ringue. Do lado esquerdo, vestindo calção vermelho, estava Osvaldão, gingando sem pressa, pé lá outro cá, na manha, punhos se calibrando, raços socando o ar. Ganchos, jabs, cruzados, uppers...

Peso pesado.

No canto direito, ela, a Morte, campeã das campeãs, calção verde. Cape largado acima do banco, olhava com desdém o gigante.

Peso pena.

O gongo soou. E ele, o sonhador, tomou o lugar do Osvaldão.

Pelo flanco direito, a Morte se aproximou com vagar e lhe deu um direto, explosivo, que o atingiu de raspão no rosto. Não baixe a guarda! Grita-lhe o mesmo Osvaldão, agora seu coach, do lado de fora do ringue.

A morte se afasta. Paralisada, parece esperar a hora certa.

Ele não a procura. Deixa o relógio correr.

Até que o gongo soa.

Fim do primeiro round.

Ele se senta no banco.

— O que eu faço?

— Viva!

— O quê?

— Viva! A questão é se manter em pé por mais um round, e mais outro, e mais outro. Até onde der.

— Mas e a vitória?

— Até onde der. Tente levar até o final. Viva!

Juliano acorda. Rosto em carne viva.

Ao redor de si, mato, sangue, feições vazias, cápsulas. Guerrilheiros e camponeses como ele jazem juntos no chão. Onde estão os militares?

Entre todos ali, apenas ele ainda se incomoda com as formigas de fogo que lhe cobrem os pés, peito, costas, face.

Ele se ergue um pouco e, agachado, inventa um caminho.

Seu sangue deixa um fio pelo chão. Mas quem irá segui-lo, entre todos aqueles?

Arbustos, espinhos, quedas, pedras.

Chega à serra.

Do sopé ao cume, não consegue conter os gritos.

Lá em cima, roupas fora, torniquetes, água.

Uma iguana.

A lhe ensinar o caminho para os próximos dias.

O invisível.

Escurece.

Da serra, a noite é mais estrelada.

Tantos furos fizeram no céu...

De uma árvore, ele avista o clarão, belo, fétido.

Muito carbono queimando esta noite.

Adormece

MACÊDO, Janailson. *Crônicas do Araguaia*. Marabá, PA : Ed. do Autor, 2015, p. 25-26.

4. LEITURA COMPLEMENTAR

O IRMÃO

Amar o perdido / Deixa confundido / Este coração [...]
Memória, Carlos Drummond de Andrade
Para Sônia Haas

As cartas cessaram em 1969. Depois, nenhuma notícia, só boatos, gente que aparecia em nossa casa querendo aproveitar-se de meu pai. Um general vizinho enviou alguém em 72 para informar a morte de nosso irmão, mas a pessoa não conseguiu verbalizar as razões de sua visita. Houve quem nos dissesse que seria bom encomendar missa por sua morte.

Mas como assim? Que morte?

Por longo tempo, ficamos no vácuo, esse vácuo que engole os sentidos, as esperanças, a razão, que come as semanas, dias e horas, que não dá paz, arruinando tudo por dentro. Não, César, não éramos uma família de gente engajada na política, nossos pais não eram marxistas. Só João Carlos insistia na luta política, preso já uma vez quando fazia a faculdade de Medicina, coisa ligada ao movimento estudantil. Até o reitor intercedeu para que não fosse expulso da universidade, porque era bom aluno. Dizia ele a nossa mãe que fazia apenas o que Jesus faria, dando um jeito de costurar a fé com a luta política. A mãe adivinhava, sem nos dizer, o destino, coração apertado vendo filho que parte para uma guerra, quando todas parecem já perdidas, inglórias e sem razão, Davi pequeno, sua funda rodando, a pedra no ar, o gigante continuando de pé, massacrando o filho moço.

Implorei a meus pais que o avisassem por carta que tínhamos agora uma televisão. Como ele já gostava muito de eletrola, o novo aparelho poderia ser a motivação necessária para trazê-lo de volta. Funciona assim raciocínio de criança. De frente da TV, compartilhando o grande sofá e a animação do Chacrinha, estaríamos novamente juntos. A felicidade pode ser instante distraído, essa coisa comum em que mal se presta atenção.

Tem cara de domingo de sol. Não considerava a hipótese de que pudesse escandalizar-se com o Amaral Neto, ou ver sem reservas aquele atestado que abria cada programa, mostrando ter sido aprovado pela censura. Tantas vezes se repetia aquele documento na tela, que nem dava pelos sentidos do que fossem aqueles termos. Não tinha ideia de que tudo que víamos ali passava por um enorme filtro de interdição. Tinha me esquecido desses detalhes, criança tem outras razões de atenção. Agora, é esse movimento que faço, sempre há mais de ausências a resgatar, grande colcha a costurar, remendos novos, para depois recompor o desenho, urgência de reordenação do caos, o vazio da falta. Repetiam-se imagens da Amazônia sendo derrubada em nome do progresso, mar de árvores gigantes lançadas triunfalmente ao chão, a certeza de um país continental domado às custas de bravo maquinário e trabalhadores destemidos. Exóticas figuras indígenas no meio do caminho, aldeias que recebiam com danças a civilização. E havia Roberto Carlos, conquistas do futebol... E ele gostava de futebol. Comemoraria conosco a vitória de 70. Os sete irmãos como os 90 milhões em ação. O país seguia eufórico verde amarelando os rumos do progresso e eu podia ser feliz, não fosse sua ausência em nossa casa, sussurros e sobressaltos.

Enquanto tudo mudava, nossa edificação, sem dobrar-se um minuto, não se permitia um milímetro de deslocamento no avante Brasil, insistindo naquele presente expandido que duraria até chegada de carta ou ele mesmo, voltando para sempre para nós. E não veio, nem um, nem outro. A memória é esse presente que não acaba, casa parada no tempo outra e outra vez revisitada, insistente procura, arranjo de móveis, fotos na parede, flores no quintal, cheiro de almoço, a voz da mãe, estardalhaço de irmãos, silêncio de pai, Chacrinha. Não acreditaram na força do argumento da promessa de TV e talvez por isso não tenha voltado. A carta solicitada não foi, nem outra carta veio em retorno, silêncio imposto à eternidade, elo para sempre rompido.

Nos anos 80, nos primeiros acenos democráticos, principiamos a buscar mais sistematicamente notícias do João e então soubemos do Araguaia. Segui o rumo de outros tantos, à procura de corpos dos mortos e desaparecidos, à procura de rastros, à procura de sentidos. Nada disso os militares nos deram. Pois eu sei que, quando desci do avião em Imperatriz, eu o vi. Estava lá do outro lado do pequeno estacionamento, como que me aguardando, o mesmo irmão, faltando o abraço, na visão breve. Já não estava. Só em Porto Franco, ouvindo o modo como os moradores do lugar vinham amorosamente me contar dele, é que entendi, finalmente, porque insistira, porque não fugira, porque não voltara. Cinquenta anos depois de sua morte, é inteira memória.

SILVA, Luiza Helena Oliveira da. O irmão. In Contos da guerra do Araguaia [livro eletrônico] / organização: Luiza Helena Oliveira da Silva, Dernival Venâncio Ramos Jr. Araguaína, TO: Universidade Federal do Norte do Tocantins - EDUFNT, 2022, p. 87-88.

5. EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

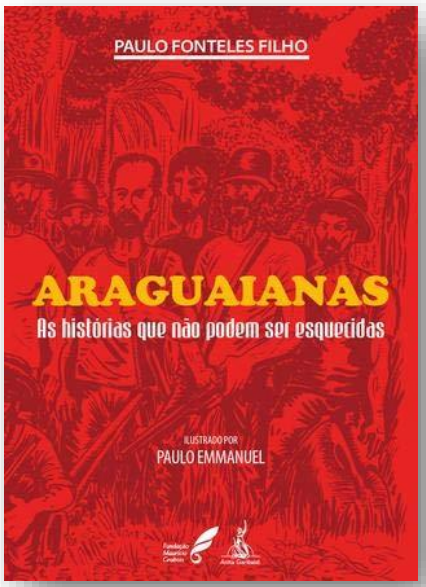
a) Identifique nos textos de Macêdo (2015) e Silva (2022) os elementos característicos de cada gênero (conto e crônica).

b) Compare: como o conto e a crônica abordam a memória da Guerrilha do Araguaia?

c) Socialize o item “b” em roda de conversa, comentando como a literatura pode preservar a memória coletiva.

6. SUGESTÃO DE APROFUNDAMENTO NO TEMA

FONTELES FILHO, Paulo. *Araguaianas: As histórias que não podem ser esquecidas*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2013.



É uma coletânea que mergulha nos bastidores da Guerrilha do Araguaia, oferecendo relatos marcantes que mesclam história, memória e denúncia, em formato de crônica, conto, poesia, texto jornalístico. Com uma narrativa acessível e quase dialogada, o autor conduz o leitor por um cenário de resistência patriótica e democrática, apresentando figuras emblemáticas como João Goiano e Osvaldão, enquanto explora o impacto da repressão, a luta pelos direitos humanos e as memórias dos familiares e sobreviventes.

7. DE OLHO NO MUNDO DIGITAL

Comissão Nacional da Verdade: https://cnv.memoriasreveladas.gov.br

Portal Memórias da Ditadura: https://memoriasdaditadura.org.br

AULA 5: A GUERRILHA DO ARAGUAIA PELA PERSPECTIVA DO GÊNERO ROMANCE

1. INTRODUÇÃO

A Guerrilha do Araguaia (1972-1975) é um episódio marcante da ditadura civil-militar brasileira, caracterizado pelo confronto entre o Exército e militantes do Partido Comunista do Brasil na região do Araguaia, no Pará. Este período de violência e silenciamento político deixou marcas profundas na memória social e coletiva.

O romance surge como um gênero literário capaz de reconstruir essas memórias, ao combinar estética, narrativa e história. Obras como *Palavras Cruzadas* (Grammont, 2015) e *Antes do Passado: o silêncio que vem do Araguaia* (Brum, 2012) permitem ao leitor compreender os efeitos do trauma, do esquecimento e da resistência, articulando literatura, história e memória cultural.

O estudo desta aula tem como foco analisar como o romance brasileiro contemporâneo representa o passado autoritário, utilizando conceitos teóricos de romance histórico (Lukács), literatura de testemunho (Sarlo, Figueiredo) e memória cultural (Halbwachs; Pollak).

2. CONCEITOS-CHAVE

1. **Literatura de Testemunho:** é uma forma de narrativa que mobiliza a voz de quem viveu diretamente os eventos, vítimas de tortura, exilados, sobreviventes de regimes autoritários, etc. Essa literatura assume um valor duplo: documental (como registro de experiências reais) e literário (porque estrutura essas experiências em narrativa, com subjetividade, silêncios, memória, escolhas discursivas). Seligmann-Silva destaca que o testemunho é uma modalidade da memória, sendo central aos processos de resistência às ditaduras latino-americanas. Sarlo, por sua vez, problematiza esse lugar do testemunho na cultura da memória: ele ganha autoridade simbólica, mas também deve ser analisado criticamente (considerando o passado vivido, a posição do narrador, o contexto em que o relato se produz) (Figueiredo, 2020; Sarlo, 2007).

2. **Memória Cultural / Memória Coletiva:** Maurice Halbwachs e Michael Pollak oferecem contribuições complementares para a compreensão da memória como fenômeno social. Halbwachs estabelece que a memória não é apenas individual, mas sempre mediada pelo contexto social: famílias, instituições e nações moldam quais eventos do passado são lembrados ou esquecidos, contribuindo para a construção de identidades coletivas, laços sociais e continuidade histórica. Já Pollak amplia essa perspectiva ao destacar a seletividade e a dimensão política da memória. Ele distingue entre memória oficial, muitas vezes estatal, e memórias subterrâneas, que resistem ao esquecimento, mostrando que a memória cultural é dinâmica, construída e sujeita a disputas de poder, em constante negociação entre versões dominantes e marginalizadas do passado (Rios, 2014).

3. QUESTÕES PARA REFLEXÃO

a) De que forma o romance pode reconstruir o passado e dar voz a memórias silenciadas?

b) Como o conceito de memória cultural ajuda a entender a disputa entre memória oficial e memórias subterrâneas no contexto da Guerrilha do Araguaia?

c) Em que medida a literatura de testemunho transforma o leitor em um agente crítico da história?

Beatriz Sarlo e os limites da subjetividade

No longo debate que separa memória e história como modalidades diferentes de reconstituição do passado, podemos dizer que Beatriz Sarlo se localizaria do lado da história. Ou melhor, diante da importância exagerada assumida pela memória e pelos testemunhos pessoais como fontes de verdade, desde o surgimento da história oral como um campo de estudos legítimo no meio acadêmico, a autora procura apontar os limites da subjetividade como fonte de conhecimento, destacando a importância do rigor metodológico para a manutenção do estatuto científico da história. Recorrendo ao pensamento de Susan Sontag, ela afirma: "é mais importante entender do que lembrar, embora para entender também seja preciso lembrar" (Sarlo, 2007, p.22).

No livro *Tempo passado* (2007), Sarlo critica aquilo que ela mesma denomina "guinada subjetiva", processo que teria ocorrido nas ciências sociais ao mesmo tempo em que a chamada "guinada lingüística", por volta das décadas de 1970 e 1980. Nesse contexto, as ciências sociais passaram a se ocupar da subjetividade como objeto de estudos, numa atitude reflexiva que procurava problematizar as abordagens mais tradicionais da disciplina, questionando as variadas formas de determinismo que faziam do indivíduo um mero autômato, um ser passivo diante das diversas influências recebidas do meio externo. Com a valorização da ação individual, as ciências sociais corrigiam um equívoco do passado, reconhecendo a existência de um sujeito que desfruta de certa margem de liberdade e contribui para a construção da vida social. No entanto,esse avanço abriu espaço para que o indivíduo, alijado pela sociologia no momento inicial de constituição como ciência, voltasse a ocupar um papel central no cenário epistemológico.

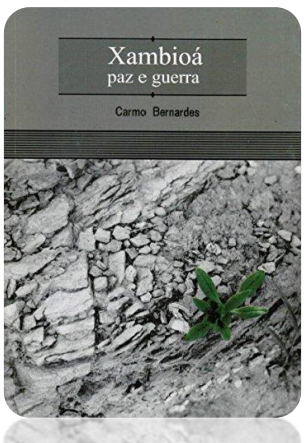
No campo da história, a guinada subjetiva pode ser observada a partir do surgimento de novos objetos, métodos e campos de pesquisa, tais como a história oral ou história vida, a nova história, a história contemporânea ou história do tempo presente, etc. Com a influência da abordagem de tipo etnográfico, alguns pesquisadores promoveram o fortalecimento de áreas ligadas à história social e cultural, interessando-se pelos aspectos "micro" da vida coletiva. Os estudos históricos passam, então, a se ocupar de pequenos grupos, das relações familiares e comunitárias, de comportamentos desviantes, das minorias marginalizadas e, ao mesmo tempo, da conduta do "homem comum", definido em oposição aos grandes nomes da cena pública. Nessa esteira, temos a valorização da subjetividade, das emoções, dos interesses vontades individuais, dos impulsos irracionais ou inconscientes como fontes do conhecimento e como elementos imprescindíveis ao bom entendimento do comportamento humano em todas as épocas e lugares.

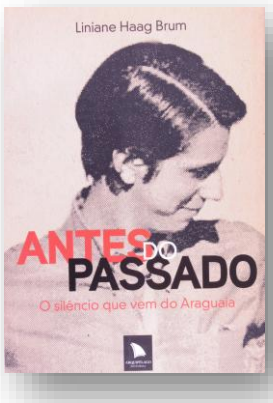
Com a história oral, observamos a valorização da memória e dos relatos em primeira pessoa como fontes de verdade e meios privilegiados para a reconstituição histórica do passado. A premissa que sustenta esse modo de fazer história aponta a memória como o resultado de uma experiência mais verdadeira, por ela ter sido pretensamente vivenciada de orma direta ou imediata –não-mediada –pelo indivíduo. O modo mais apropriado para a captação dessas memórias seriam o testemunhos pessoais, ou seja, os relatos orais em primeira pessoa, nos quais os entrevistados procuram reconstituir as ricas experiências plenas de realidade vivenciadas por eles.

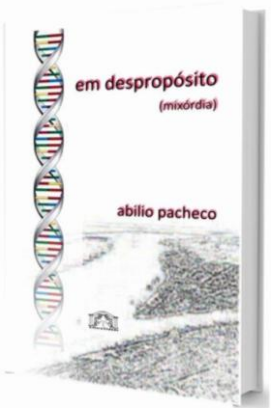
RIOS, F. D. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. *Revista Intratextos*, *5*(1), 2014. 13–15.

Livros de Ficção sobre a Guerrilha do Araguaia

1. NOLETO, Agostinho. *Guerrilheiros sem rosto*. S.l.: Ética, 1995.
2. BERNANDES, Carmo. *Xambioá: paz e guerra*. Goiânia: AGEPEL/ Instituto Centro Brasileiro de Cultura, 2005.
3. BRUM, Liliane Haag. *Antes do Passado: o silêncio que vemdo Araguaia*. Porto Alegre: Arquipélago, 2012.
4. PACHECO, Abílio. *Em despropósito (mixórdia)*. Belém: Literacidade, 2013.
5. LISBOA, Adriana. *Azul Corvo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
6. AMORIM, Carlos. *Araguaia: história de amor e de guerra*. Rio de Janeiro: Record, 2014.
7. GRAMMONT, Guiomar. *Palavras Cruzadas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.
8. MACEDO, Janailson. *Crônicas do Araguaia*. Marabá: Ed. Do Autor, 2015.
9. DEAK, Anita. *No fundo do oceano, os animais invisíveis*. São Paulo: Reformatório, 2020.
10. STAMATOPOULOS, Jorge. *Fantasmas do Araguaia*. São Paulo: Scortecci Editora, 2020.
11. SILVA, Luiza Helena Oliveira da; RAMOS Jr., Dernival Venâncio. *Contos da guerra do Araguaia*. Araguaína: Editora EDUFNT, 2022.
12. FERREIRA, Paulo Roberto. *A Figa Verde e a misteriosa mulher de branco*. Belém: Paka-Tatu, 2024.







4. LEITURA COMPLEMENTAR

Entre frestas: considerações sobre o teor ficcional, o teor de verdade e o teor testemunhal

[...]

Chego até aqui seguindo o argumento em torno das frestas, que separam a compreensão tanto da ficção, quanto do testemunho, por meio de um amálgama narrativo, responsável por sinuosidades de um no outro.

Acompanho Galle em sua proposição de que, enquanto gênero, o testemunho mostra "particularmente sua qualidade de transcender a fronteira discursiva entre ficção e não ficção que levanta a hipótese de se tratar de um fenômeno que está afetando nosso conceito "tradicional" de ficcionalidade" (GALLE, 2018, p. 168). Proponho que da mesma forma que encontramos o teor testemunhal, na ficção, quando esta se utiliza de códigos muito próximos aos de um testemunho, como as repetições, as elipses, a necessidade do critério da evidência ao inserir elementos de veridição, o tom de depoimento, entre outras, é possível tomarmos o teor ficcional como uma categoria possível e imanente à teoria do testemunho e formas correlatas.

Por ser produto de uma experiência pessoal e particular, o testemunho não escapa à subjetivação. Por isso, é sempre possível observar na narrativa do testemunho a afetação da técnica narrativa da ficção, sobretudo, para dar conta das situações narradas, que pelo nível de insuportabilidade, precisam ser constituídas de outros modos, daí a presença do teor ficcional no testemunho. Em causa está a potência da linguagem para a empatia, para a constituição da responsabilidade para com o outro.

A seguir, faço a análise de várias passagens para mostrar como o conceito de teor ficcional pode ser compreendido, especialmente no testemunho de sobreviventes da *Shoah*, marcado por uma forte necessidade de narrar o trauma, amalgamado pela reflexão sobre a condição humana e que diante da insuportabilidade dos eventos vividos pelo testemunhador. Essas narrações, se constituem em autênticas ferramentas do que Seligmann-Silva chama de "condição de sobrevivência", que faz com que o ato de testemunhar seja uma necessidade vital, como comer, beber, dormir.

Tomo como exemplo o texto mais emblemático do testemunho da *Shoah*, o livro *É isto um homem*, de Primo Levi. A potência de sua escrita revela muito bem um projeto editorial, que associa testemunho e literatura, isso porque ele usa as estratégias do poético e do literário em vários momentos, desde a escolha de alguns títulos para os capítulos que conduzem o relato, até o uso de formas e estratégias que são claramente oriundos das formas poéticas. (...)

Outro capítulo instigante para refletirmos sobre o âmbito de ocorrência do teor ficcional e poético no testemunho de Levi é o "O canto de Ulisses", que conta o seu contato com o jovem Häftling do Kommando Químico, Jean, e a experiência em se tornar amigo do Pikolo do Kapo e a aventura de ensinar o italiano, por meio de passagens da *Divina Comédia*, uma clara referência e depois, citação literária no testemunho (...).

Na maioria das narrativas de testemunho é possível encontrar um trabalho narrativo fixado em trazer à tona a memória do fato, da verdade do testemunhador sobre o evento. Isso faz com que a narração tenha um ritmo mediado pela sequência dos acontecimentos narrados. A escrita ou a fala sobre suas experiências não são contínuas, nem organizadas. No geral, essa organicidade será costurada pelo projeto editorial do testemunho. Entretanto, durante a construção do testemunho nos deparamos com passagens que fogem a esse princípio e enveredam por outras estratégias narrativas, como ocorre no início do texto de Levi. Nele encontramos uma importante preocupação em refletir sobre a condição humana, na medida em que o narrador aprofunda a introspecção e a linguagem envereda pelo fluxo de consciência.

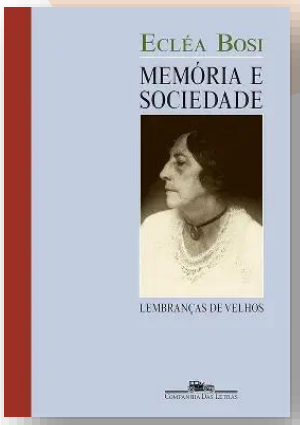
5. EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

a) Escolha um capítulo de *Palavras Cruzadas* (Guiomar Grammont) ou *Antes do Passado* (Liliane Haag Brum) e identifique:
- Um elemento que represente memória oficial.
- Um elemento que represente memória subterrânea ou resistência.

b) Discuta em grupo: como a literatura contribui para a preservação da memória coletiva e para a formação de leitores críticos?

6. SUGESTÃO DE APROFUNDAMENTO NO TEMA

BOSI, E. *Memória e sociedade:* lembranças de velhos. São Paulo, T.A. Queiroz, 1979.



Este livro analisa a relação entre memória individual e memória coletiva, mostrando como recordações pessoais se inserem em contextos sociais mais amplos. O autor enfatiza que as lembranças dos idosos refletem valores, tradições e mudanças culturais de suas comunidades, funcionando como ponte entre passado e presente. Bosi também discute o papel da narrativa oral na preservação da história, destacando como o relato dos velhos contribui para a identidade coletiva. O livro evidencia a construção social da memória, em que experiências individuais são moldadas por normas e representações coletivas. Por fim, a obra aponta que a memória não é apenas recordação, mas também instrumento de interpretação e compreensão da sociedade

7. DE OLHO NO MUNDO DIGITAL

O *Histórias Reais – Clube de Leitura* é um grupo virtual e gratuito que promove leituras mensais de obras de não ficção, com foco em narrativas de vida, memória e identidade. Criado pela jornalista e escritora Vanessa Cazarotto, o clube oferece um espaço para discussões sobre livros que abordam temas como trauma, resistência e história pessoal.

- Facebook: https://www.facebook.com/historiasreaisclube/
- Instagram: https://www.instagram.com/historiasreaisclube/

Grupo de Pesquisa sobre Literatura de Testemunho na USP - A Universidade de São Paulo possui grupos de pesquisa que abordam temas relacionados à literatura de testemunho, como o Grupo de Pesquisa "Formas Culturais e Sociais Contemporâneas", que investiga a presença de traços específicos da experiência histórica contemporânea em formas culturais brasileiras, incluindo a literatura. Além disso, o Núcleo de Estudos da Violência (NEV) da USP também dedica atenção à literatura de testemunho, promovendo discussões e publicações sobre o tema.
- Grupos de Pesquisa da USP: https://estudoscomparados.fflch.usp.br/grupos-de-pesquisa
- NEV/USP no Facebook: https://www.facebook.com/nevusp

AULA 6: A GUERRILHA DO ARAGUAIA COM FOCO NOS GÊNEROS ACADÊMICOS (ARTIGO, DISSERTAÇÃO E TESE)

1. INTRODUÇÃO

A produção acadêmica é uma das principais formas de registrar, analisar e interpretar acontecimentos históricos. Quando o tema é a Guerrilha do Araguaia, o estudo científico adquire relevância ainda maior, pois articula memória, testemunho e pesquisa documental para compreender um dos episódios mais silenciados da ditadura civil-militar brasileira.

Os gêneros acadêmicos (artigo, dissertação e tese) são veículos de construção e difusão do conhecimento, cada um com estrutura, objetivos e metodologias específicas. Compreender como esses gêneros se organizam e como tratam a memória da Guerrilha permite ao leitor desenvolver uma visão crítica sobre a forma como a história é narrada, interpretada e, muitas vezes, disputada.

Nesta aula, o foco é compreender como o discurso científico se articula ao discurso da memória e de que modo a produção acadêmica sobre o Araguaia contribui para resgatar, preservar e reinterpretar as vozes silenciadas da resistência.

2. CONCEITOS-CHAVE

1. Memória social: **c**onjunto de lembranças coletivas construídas por grupos sociais sobre acontecimentos históricos, frequentemente reinterpretadas ao longo do tempo. No texto acadêmico, é utilizada como categoria analítica para compreender como diferentes narrativas sobre um mesmo fato são produzidas, disputadas e legitimadas (Peixoto, 2011).

2. Violência de Estado: ações repressivas praticadas por instituições governamentais contra a população, incluindo perseguições, prisões, torturas e desaparecimentos forçados (Peixoto, 2011).

3. Narrativa histórica: **c**onstrução discursiva que organiza e interpreta acontecimentos do passado a partir de determinadas perspectivas, fontes e interesses. No contexto da Guerrilha do Araguaia, destaca como diferentes versões sobre de como os fatos são produzidas, seja por militares, sobreviventes ou pesquisadores, revelando disputas de memória e verdade (Peixoto, 2011).

3. PARA REFLEXÃO

a) Qual é a diferença entre uma narrativa literária e uma narrativa acadêmica sobre a Guerrilha do Araguaia?
b) Como a metodologia científica pode contribuir para o resgate da memória histórica de um evento marcado pelo silenciamento?
c) De que modo os gêneros acadêmicos ajudam a legitimar vozes que foram historicamente excluídas?
d) Qual a importância da ética na pesquisa sobre temas sensíveis como a violência política?

Arqueologia, Direitos Humanos e a Guerrilha do Araguaia

A Arqueologia tem se mostrado uma grande aliada dos direitos humanos na América Latina, em particular ao oferecer seu aporte teórico e metodológico para desvendar os mecanismos de repressão e resistência que vigoraram nos regimes ditatoriais durante as décadas entre 1960 e 1980 (JUSTAMAND, Michel; MECHI, Patrícia Sposito & FUNARI, Pedro Paulo A. 2014). É a ssim que vemos a importância da ciência arqueológica ligada às questões da Guerrilha do Araguaia.

Tal ciência traz, atualmente, novas dimensões para os estudos sobre as ditaduras militares no continente, contribuindo na elucidação de aspectos que a documentação escrita ou oral nem sempre esclarecem, especialmente em casos em que a documentação ainda é muito fragmentária.

Nesses casos, os saberes arqueológicos estabelecem uma interface importante com a História, evidenciando outros prismas de análise em que se privilegiam os vestígios materiais, contribuindo para esclarecer os procedimentos repressivos dos regimes ditatoriais.

Contudo, é possível notar-se, por exemplo, através de exames das ossadas encontradas, que sua contribuição vai além da identificação dos desaparecidos. São importantes também os vestígios deixados nos locais onde se praticaram torturas e/ou assassinatos (como é, por exemplo, os casos do "Buraco do Vietnã"), além de possíveis análises técnicas dos instrumentos abandonados em porões dos centros clandestinos de detenção (ZARANKIN, Andrés e NIRO, Claudio 2008), inscrições e marcas deixadas e paredes (S. NAVARRETE, Rodrigo e Y. LÓPEZ, Ana Maria 2008), roupas usadas, mobiliários, entre outros. Assim, a ciência arqueológica ajuda não só na recuperação da História e da memória dos desaparecidos e na compreensão dos sistemas repressivos, especialmente sobre a documentação fragmentária deixada pelas ditaduras, na questão da Guerrilha do Araguaia, como também em muitos outros aspectos. Esperam-se das investigações arqueológicas, contribuições esclarecedoras dos procedimentos repressivos e a recuperação da História dos desaparecidos (CARVALHO, Aline Vieira de e FUNARI, Pedro Paulo A. 2009).

Algumas pesquisas já foram levadas a cabo por equipes de arqueólogos forenses na região da Guerrilha. No histórico dos moradores da região está "inscrita" a obrigação de trabalhar para os militares durante a ditadura. Recentemente as pesquisas das equipes que atuaram na região levantaram que 21 guerrilheiros teriam sido presos pelas Forças Armadas e, dentre eles, 18 foram vistos circulando pelas bases militares. Todos estão desaparecidos e não há registros oficiais sobre essas mortes (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, Procuradorias da República do Pará, São Paulo e Distrito Federal 2002). Essas pesquisas conseguiram seguir em frente, graças à pressão exercida fortemente pelos familiares, o que levou, em 1995 à aprovação da Lei nº 9140, de dezembro de 1995 (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, Procuradorias da República do Pará, São Paulo e Distrito Federal 2002), dando subsídios para que no ano seguinte, fosse montada uma operação na região, para a qual se contratou o E. A. A. F. – Equipo Argentino de Antropologia Forense. Na ocasião foram localizados os restos mortais de duas pessoas: a de Maria Lucia Petit, identificada em 1996, e a ossada de Bergson Gurjão Farias, identificada apenas em 2009 (JUSTAMAND, Michel; MECHI, Patrícia Sposito & FUNARI, Pedro Paulo A. 2014).

Em 2001, a partir das necessidades apontadas pelas ações anteriores, novas investigações foram feitas na área da guerrilha do Araguaia e outros locais foram escavados num trabalho realizado pelos arqueólogos do Museu Emílio Goeldi. Entretanto, nessa ocasião não se encontraram evidências nos locais escavados de ter havido sepultamento. As mudanças na paisagem depois de quarenta anos do início da guerrilha e a necessidade de maiores recursos tecnológicos dificultaram os trabalhos, apesar de terem sido levantadas informações sobre nove militantes sepultados e/ou vistos pela última vez na base militar de Bacaba (JIMÉNEZ, José Vargas 2007), outros seis vistos e/ou enterrados em Xambioá, e quatro militantes em outros locais (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, Procuradoria da República do Pará. Pará 2001).

Novo fôlego para as investigações dos desaparecidos na guerrilha do Araguaia foi dado em 2010, graças à condenação do Estado Brasileiro na Corte Interamericana de Direitos Humanos, órgão da Organização dos Estados Americanos. O motivo foi por não ter punido os responsáveis pela morte e desaparecimento de 62 pessoas. A sentença determina que o Estado brasileiro revele o paradeiro das vítimas, identifique-as e entregue seus restos mortais aos familiares, além de prestar atendimento médico, psicológico e psiquiátrico, quando necessário (MECHI, Patricia Sposito 2013).

A partir dessa condenação, foi criado o Grupo de Trabalho Araguaia, GTA, coordenado conjuntamente pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) e pelos Ministérios da Justiça e Defesa. O grupo conta com o apoio de equipe técnica pericial e as expedições são acompanhadas por familiares dos mortos ou desaparecidos da guerrilha representantes do Ministério Público Federal (MPF). Ao todo, já foram realizadas cinco expedições na região, muitas delas no cemitério de Xambioá (JUSTAMAND, Michel; MECHI, Patrícia Sposito & FUNARI, Pedro Paulo A. 2014).

O trabalho ainda inconcluso do GT já resgatou 25 ossadas que aguardam identificação em Brasília. O foco dos trabalhos, claro, é a identificação das ossadas dos desaparecidos políticos, trabalho que pode ser continuado por algum especialista e/ou sua equipe, sendo de muita valia para os próximos passos da reconstrução da história ainda emudecida da região. Entre os muitos vestígios passiveis de serem analisados estão: as garrafas, os medicamentos, os projéteis, as pilhas, os recipientes vazios de comida, avaliados pelo GTA, indicativos da existência de uma base de comunicação militar no local (GRUPO DE TRABALHO ARAGUAIA 2011). Vestígios esses que aguardam novos interessados no desenvolvimento da pesquisa arqueológica e forense do Araguaia.

JUSTAMAND, Michael; MECHI, Patrícia Sposito. Heurística histórica: processo de levantamento de dados, crítica das fontes e análise contextual. *Revista Arqueologia Pública*, Campinas: Portal de Periódicos da Unicamp, v. 9, n. 3[13], 2015. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8641294.

O filósofo Vladimir Safatle, em uma entrevista, fez a seguinte declaração referindo-se à recente história brasileira: “O Brasil é a prova mais cabal de que quando você não acerta suas contas com a história, a história te assombra”. Desde o fim da ditadura militar, e o processo de transição que se seguiu após a saída dos militares do poder, não se constituiu, ainda, no Brasil, um espaço para que o seu passado violento pudesse ser colocado como voz a ser ouvida por toda a sociedade. A manutenção da política do silêncio criou uma sensação de impunidade, o que fez com que as formas de injustiça permanecessem como uma prática política do Estado.

Foi no intuito de quebrar esse silêncio que as famílias dos mortos e desaparecidos da Guerrilha do Araguaia iniciaram uma batalha pela memória de seus filhos, parentes e amigos desaparecidos durante a luta armada na Amazônia. O que os uniu foi a violência sofrida por seus parentes e a ausência de informações sobre o que aconteceu com cada um deles. Diante disso, um espaço de fala foi criado por essas famílias, que também se tornou um espaço de ação política no sentido de cobrar do Estado a reparação pelos crimes cometidos contra os seus cidadãos e, mais ainda, exigir o direito à memóriapara as vítimas da máquina repressiva estatal.

Para Djalma Oliveira, irmão da guerrilheira Dinalva Conceição Teixeira, assassinada durante a guerrilha (a Dina, como era conhecida), foi a necessidade de quebrar o silêncio imposto pela ditadura militar sobre a luta armada na região do Araguaia que motivou as famílias (...). O movimento de Mulheres Pela Anistia, atuante desde 1975, organizaram o II Congresso Nacional Pela Anistia, em novembro de 1979, na cidade de Salvador. O primeiro congresso havia sido realizado em Roma pelos exilados políticos da ditadura militar. Nesse evento, as famílias elaboraram o Manifesto dos familiares dos mortos e desaparecidos do Araguaia em que apresentavam a história da guerrilha e uma lista de nomes de todos os desaparecidos durante a luta armada no Pará, Maranhão e Tocantins. Outra finalidade do documento era denunciar à nação a violência praticada pelas Forças Armadas contra os militantes e camponeses do Araguaia, além deexigir informações sobre os desaparecidos políticos.

Outro resultado do congresso foi a organização da Primeira Caravana ao Araguaia, em 1980, criada para obter informações sobre os guerrilheiros e conhecer os lugares onde esses atuaram e viveram durante a luta armada. A pergunta que se fazia era: onde estão nossos mortos? Com esse questionamento, os familiares viajaram à Belém e, de lá, chegaram a Marabá, o pontode partida para os locais onde ocorreram os conflitos entre guerrilheiros e militares. Nesse percurso, significativo foi o apoio da Ordem dos Advogados do Brasil e da Comissão Pastoral da Terra para viabilizar o contato dos familiares com os camponeses, de quem ouviram relatos sobre os militantes.

Mesmo diante da ameaça e da pressão do Exército, a Caravana seguiu o seu trabalho. Ela foi uma iniciativa importante no sentido de criar as condições para que as experiências dos homens e mulheres na luta contra a ditadura militar pudessem ser ouvidas e, dessa maneira, não ser esquecidas. A luta dos familiares pela reparação e memória das pessoas que foram vítimas da violência do Estado sinalizou ocaminho para que o drama que elas viveram não se repitana sociedade. É uma luta que só deixará de existir quando os seus entes queridos tiverem encontrado um luagr na memória coletiva brasileira. Assim, será possível lidar com os traumas do passado que ainda insistem em nos assombrar.

SOUSA, Reginaldo Cerqueira. “Guerrilha do Araguaia: Violência, Memória e Reparação.” *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, n. 66, 2019, p. 212-215

4. LEITURA COMPLEMENTAR

Os livros enquanto lugar de batalhas e acertos de contas da memória

Partindo do princípio da análise das memórias sobre a Guerrilha do Araguaia construídas por meio dos livros, é cabível uma reflexão em torno desse suporte. Assim, optei inicialmente por definir o livro, pois, além de ser uma produção cultural, ele passou a exercer o lugar de criação de memórias sobre a Guerrilha do Araguaia e de suas disputas. Nesse sentido, faço duas questões centrais: o que é o livro? Que lugar ele passou a ocupar em termos de criações de memórias acerca da Guerrilha do Araguaia? São indagações iniciais que possibilitam refletir sobre o papel exercido pelos vários livros escritos sobre esse acontecimento da história contemporânea do Brasil. Livros estes escritos por autores com formação em áreas de conhecimento bem diversas: jornalistas, militantes de esquerda, militares e historiadores. Cada um deles, de acordo com o seu lugar social e institucional, elaboraram certa visão para os fatos ocorridos durante a luta armada organizada pelo Partido Comunista do Brasil (PC do B) no Araguaia, nos anos de 1970. [...]

No caso específico dos livros acerca da Guerrilha do Araguaia, observa-se o seu uso enquanto suporte para a construção e divulgação das memórias desse conflito armado. São obras que evidenciam uma constante disputa de memórias em torno desse acontecimento. As primeiras obras que narram esta guerrilha foram escritas por jornalistas e podem ser enquadradas dentro de uma produção não acadêmica que, de certa forma, visa alcançar o grande público. Elas também foram as responsáveis pela construção do passado sobre esse movimento armado de forma mais livre, sem necessariamente seguir as regras da academia.

Ao analisar esse tipo produção nas décadas de 1960 e 1970 na Argentina, afirmou Beatriz Sarlo:

> *As modalidades não acadêmicas de texto encaram a investida do passado de modo menos regulado pelo ofício e pelo método, em função de necessidades presentes, intelectuais, afetivas, morais ou políticas. Muito do que foi escrito sobre as décadas de 1960 e 1970 na Argentina (e também em outros países da América Latina), em especial as reconstituições baseadas em fontes testemunhais, pertence a esse estilo.*

Em termos de criações de memórias, os livros aqui analisados constroem uma visão desse passado da guerra no Araguaia que também aproximaram suas versões daquelas construídas pelo senso comum, sem necessariamente expor as contradições presentes nos seus testemunhos. Dessa forma, sua escrita pode ser percebida enquanto um lugar de denúncia para as arbitrariedades praticadas no Araguaia, talvez um dos espaços possíveis para se fazer críticas à ditadura, além de algumas reportagens publicadas em jornais e revistas da época.

Escritas a partir de testemunhos, cabe aqui uma reflexão acerca do uso desse recurso para a construção do passado. No seu estudo em relação ao caso argentino, Beatriz Sarlo (2007) afirma que o testemunho traz em si uma ideia de dar à narrativa a noção de "verdade". Para isso, aquele(a) que testemunha preza, sobretudo, pelo detalhe dos fatos. Assim, disse a autora: "[a] proliferação do detalhe individual fecha ilusoriamente as fendas da intriga e a apresenta como se ela pudesse ou devesse representar um todo, algo completo e consistente porque o detalhe o certifica, sem ter de mostrar sua necessidade."

SILVA, Wellington Sampaio da. *Livros em guerra: a escrita e a disputa do passado sobre a Guerrilha do Araguaia (1978/2015).* Tese de Doutorado – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Forttaleza, 2019, p. 27-28.

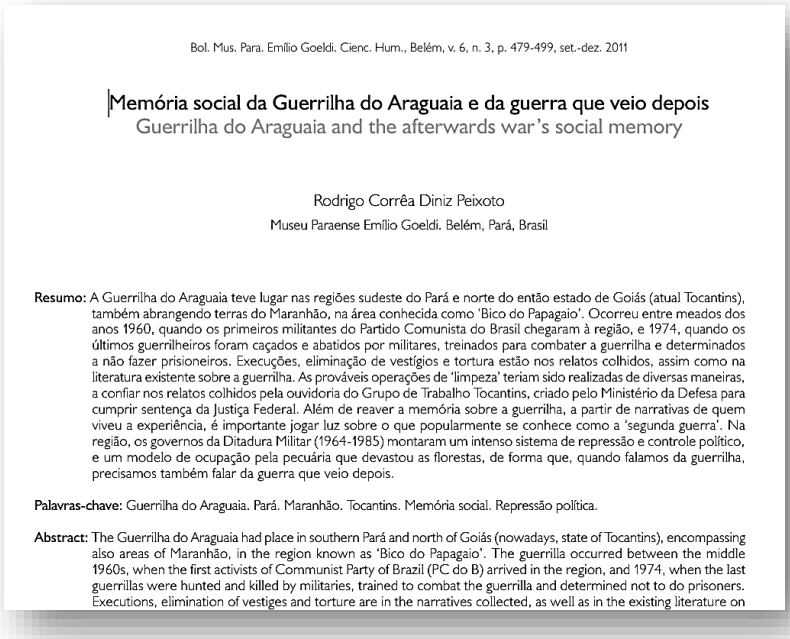
5. EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

a) Produza uma mini-proposta de pesquisa (1–2 páginas) sobre a Guerrilha do Araguaia, indicando tema, problema, objetivos e metodologia.

b) Reflita: de que maneira a pesquisa acadêmica pode contribuir para o fortalecimento da memória coletiva e para a justiça histórica? Apresente sua resposta numa roda de conversa.

6. SUGESTÕES DE APROFUNDAMENTO NO TEMA

PEIXOTO, Rodrigo Corrêa Diniz. Memória social da Guerrilha do Araguaia e da guerra que veio depois. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 6, n. 3, p. 479-499, set./dez. 2011.



Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 6, n. 3, p. 479-499, set.-dez. 2011

Memória social da Guerrilha do Araguaia e da guerra que veio depois
Guerrilha do Araguaia and the afterwards war's social memory

Rodrigo Corrêa Diniz Peixoto
Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém, Pará, Brasil

Resumo: A Guerrilha do Araguaia teve lugar nas regiões sudeste do Pará e norte do então estado de Goiás (atual Tocantins), também abrangendo terras do Maranhão, na área conhecida como 'Bico do Papagaio'. Ocorreu entre meados dos anos 1960, quando os primeiros militantes do Partido Comunista do Brasil chegaram à região, e 1974, quando os últimos guerrilheiros foram caçados e abatidos por militares, treinados para combater a guerrilha e determinados a não fazer prisioneiros. Execuções, eliminação de vestígios e tortura estão nos relatos colhidos, assim como na literatura existente sobre a guerrilha. As prováveis operações de 'limpeza' teriam sido realizadas de diversas maneiras, a confiar nos relatos colhidos pela ouvidoria do Grupo de Trabalho Tocantins, criado pelo Ministério da Defesa para cumprir sentença da Justiça Federal. Além de reaver a memória sobre a guerrilha, a partir de narrativas de quem viveu a experiência, é importante jogar luz sobre o que popularmente se conhece como a 'segunda guerra'. Na região, os governos da Ditadura Militar (1964-1985) montaram um intenso sistema de repressão e controle político, e um modelo de ocupação pela pecuária que devastou as florestas, de forma que, quando falamos da guerrilha, precisamos também falar da guerra que veio depois.

Palavras-chave: Guerrilha do Araguaia. Pará. Maranhão. Tocantins. Memória social. Repressão política.

Abstract: The Guerrilha do Araguaia had place in southern Pará and north of Goiás (nowadays, state of Tocantins), encompassing also areas of Maranhão, in the region known as 'Bico do Papagaio'. The guerrilla occurred between the middle 1960s, when the first activists of Communist Party of Brazil (PC do B) arrived in the region, and 1974, when the last guerrillas were hunted and killed by militaries, trained to combat the guerrilla and determined not to do prisoners. Executions, elimination of vestiges and torture are in the narratives collected, as well as in the existing literature on

Artigo essencial para compreender a relação entre memória social e política da verdade no contexto amazônico.

7. DE OLHO NO MUNDO DIGITAL

A era digital ampliou o acesso ao conhecimento acadêmico e à memória histórica. Sugere-se que o estudante explore:

a) Repositório da **CAPES**: https://catalogodeteses.capes.gov.br
Acesso gratuito a milhares de teses e dissertações sobre história, literatura e memória.

b) **Museu da Pessoa**: https://www.museudapessoa.org
Acervo colaborativo de histórias de vida, que permite comparar testemunhos e documentos históricos.

c) **SciELO** Brasil: https://www.scielo.br
Base de dados de artigos científicos, com diversos estudos sobre memória, literatura e ditadura no Brasil.

AULA 7: A ESCRITA DE SI: AUTOBIOGRAFIA E IDENTIDADE NA GUERRILHA DO ARAGUAIA

1. INTRODUÇÃO

A autobiografia, enquanto gênero literário, constitui um espaço privilegiado de articulação entre memória, identidade e narrativa. Diferentemente do relato histórico estritamente documental, a escrita autobiográfica permite que o sujeito reconstrua experiências vividas, estabelecendo uma interlocução entre o eu narrante e o contexto social e político em que se insere. No caso da Guerrilha do Araguaia, a autobiografia emerge como um instrumento de preservação da memória pessoal e coletiva, oferecendo perspectivas únicas sobre os conflitos armados, as práticas de resistência e os efeitos do regime militar sobre indivíduos e comunidades. Ao analisar relatos autobiográficos de ex-guerrilheiros e testemunhas, é possível compreender não apenas eventos históricos, mas também os processos de subjetivação e formação da identidade frente a experiências traumáticas.

Essa dimensão literária da escrita de si permite abordar questões de autenticidade, verossimilhança e pactos de leitura (Lejeune, 2014), ao mesmo tempo em que dialoga com conceitos de memória coletiva e cultural (Halbwachs, 2006; Pollak, 2005). A análise crítica desses textos exige atenção às estratégias narrativas, como a manipulação do tempo, a focalização, a fragmentação e a construção de personagens, que articulam experiências individuais e registros históricos, transformando o eu autobiográfico em mediador entre o passado vivido e a memória social. Assim, o estudo da autobiografia na Guerrilha do Araguaia não se limita à descrição de acontecimentos, mas envolve também a reflexão sobre os mecanismos literários que permitem ao relato pessoal dialogar com a historiografia e a memória cultural do período.

2. CONCEITOS-CHAVE

1. **Autobiografia:** narrativas em que o autor se relata, articulando memória, identidade e construção narrativa (Lejeune, 2014).
2. **Memória coletiva e cultural:** a memória pessoal dialoga com a memória social e histórica, mediada por grupos e instituições (Pollak, 1989).
3. **Escrita de si:** processo de construção da identidade através da narrativa autobiográfica, permitindo a reflexão sobre experiências individuais e contextos históricos (Lejeune, 2014).

3. PARA REFLEXÃO

a) Quais elementos narrativos os autores usam para construir identidade e autenticidade na escrita de si?
b) Em que medida o relato autobiográfico dialoga ou difere de fontes históricas oficiais sobre o mesmo período?
c) Qual a responsabilidade ética do autor ao narrar experiências que envolvem outras pessoas e contextos políticos sensíveis?

A escrita de si

A Vita Antonii de Atanásio apresenta a notação escrita das acções e dos pensamentos como um elemento indispensável da vida ascética: “Eis uma coisa a observar para se ter a certeza de não pecar. Que cada um de nós note e escreva as acções e os movimentos da nossa alma, como que para no-los dar mutuamente a conhecer e que estejamos certos que, por vergonha de sermos conhecidos, deixaremos de pecar e de trazer no coração o que quer que seja de perverso. Pois quem consente ser visto quando peca, e após ter pecado, não prefere mentir para ocultar a sua falta? Não fornicaríamos diante de testemunhas. Do mesmo modo, escrevendo os nossos pensamentos como se os tivéssemos de comunicar mutuamente, melhor nos defenderemos dos pensamentos impuros por vergonha de os termos conhecido. Que a escrita tome o lugar dos companheiros de ascese: de tanto enrubescermos por escrever como por sermos vistos, abstenhamo-nos de todo o mau pensamento. Disciplinando-nos dessa forma, podemos reduzir o corpo à servidão e frustrar as astúcias do inimigo”.

A escrita de si mesmo aparece aqui claramente na sua relação de complementaridade com a anacorese: atenua os perigos da solidão; dá o que se viu ou pensou a um olhar possível; o facto de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, ao suscitar o respeito humano e a vergonha; podemos pois propor uma primeira analogia: aquilo que os outros são para o asceta numa comunidade, sê-lo-á o caderno de notas para o solitário. Mas, simultaneamente, uma segunda analogia se coloca, referente à prática da ascese como trabalho não apenas sobre os actos mas, mais precisamente, sobre o pensamento: o constrangimento que a presença alheia exerce sobre a ordem da conduta, exercê-lo-á a escrita na ordem dos movimentos internos da alma; neste sentido, ela tem um papel muito próximo do da confissão ao director, do qual Cassiano dirá, na linha da espiritualidade avagriana, que deve revelar, sem excepção, todos os movimentos da alma (omnes cogitationes). Por fim, a escrita dos movimentos interiores surge também, segundo o texto de Atanásio, como uma arma do combate espiritual: uma vez que o demónio é um poder que engana e que faz com que nos enganemos sobre nós mesmos (uma boa metade da Vita Antonii é inteiramente consagrada a tais manhas), a escrita constitui uma prova e como que uma pedra de toque: ao trazer à luz os movimentos do pensamento, dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo. Este texto – um dos mais antigos que a literatura cristã nos terá deixado sobre este assunto da escrita espiritual – está longe de esgotar todas as significações e formas que esta mais tarde irá adquirir. Mas podemos captar nele bastantes traços que permitem analisar retrospectivamente o papel da escrita na cultura filosófica de si na época imediatamente anterior ao cristianismo: a estreita ligação à camaradagem, o ponto de aplicação aos movimentos do pensamento, o papel de prova de verdade. Estes diversos elementos encontram-se já em Séneca, Plutarco ou Marco Aurélio, mas com valores extremamente diferentes e de acordo com procedimentos de todo outros.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1992.

Philipe Lejeune (2008, p. 21), partindo do princípio de que o pronome pessoal “eu” remete ao enunciador da instância do discurso na qual está presente, faz sua análise do “eu” a partir de questões relativas à autobiografia. Mas o enunciador pode também ser designado por um nome (quer se trate de um substantivo comum, determinado de diferentes maneiras, ou de um nome próprio. Nesse sentido Todorov (*apud* Lejeune, 2008, p. 22) afirma que é no nome próprio que pessoa e discurso se articulam, antes de se articularem na primeira pessoa, como demonstra a ordem de aquisição da linguagem pela criança. A fala de si mesma na terceira pessoa, chamando-se pelo próprio nome, ocorre bem antes de compreender que também pode utilizar a primeira pessoa. Em seguida, todos utilizam “eu” para falar de si, mas esse “eu”, para cada um, remeterá a um nome único que poderá, a qualquer momento, ser enunciado. Todas as identificações (fáceis, difíceis ou indeterminadas) acabam fatalmente convertendo a primeira pessoa em um nome próprio. Para Lejeune (2008, p. 23), um autor não é uma pessoa. É uma pessoa que escreve e publica. Inscrito, a um só tempo, no texto e no extratexto, ele é a linha de contato entre eles. O autor se define como sendo simultaneamente uma pessoa real, socialmente responsável, e produtor de um discurso. Para o leitor, que não conhece a pessoa real, embora creia em sua existência, o autor se define como a pessoa capaz de produzir aquele discurso e imaginá-lo, então, “a partir do que ele produz. [...] se a autobiografia é um primeiro livro, seu autor é consequentemente um desconhecido, mesmo se o que conta é sua própria história, falta-lhe, aos olhos do leitor, esse signo de realidade que é a produção anterior de outros textos (não autobiográficos), indispensáveis ao que Lejeune chama de “espaço autobiográfico”. Autoficção, termo utilizado contemporaneamente para se referir à autobiografia ficcional, teve como precursor Doubrovsky (1977) em seu romance *Fils*. A noção de autoficção, de acordo com esse autor, difere da teoria proposta por Lejeune (2005) na medida em que um autor pode optar por contar sua vida em 1ª ou 3ª pessoa, utilizando os elementos ficcionais a serviço de uma busca pela autoficção. No que diz respeito à literatura de testemunho, o estudo memorialístico é importante porque apresenta diversas partes da obra em que personagens rememoram as experiências traumáticas vividas individual ou coletivamente. Essa presença, no texto literário, revela personagens angustiados com a situação desumana a qual foram submetidos; podem caracterizar lembranças do convívio familiar, que retornam à mente do narrador. A memória coletiva é formada por lembranças dos indivíduos, ou seja, de vários grupos dos quais eles fazem parte. Paul Ricoeur (2007) chama a atenção para o fato de a memória e a história estarem juntas, ainda que de modo conflitivo. A contribuição de Seligmann-Silva (2003), Halbwachs (2006) e de Candido (2006), considerando que todos os acontecimentos e narrativas se passam no convívio em sociedade, viabilizará reflexão e entendimento sobre as narrativas de si escritas por mulheres em todas as épocas. Assim sendo, este dossiê pretende contribuir para a reflexão da história, da memória, das literaturas de si, recebendo propostas de trabalhos que debatam a escrita de mulheres na América Latina.

COSTA, Margareth Torres de Alencar; CORDIVIOLA, Alfredo Adolfo; CELLA, Susana Beatriz. Escritas de si: autobiografia, autoficção, literatura de testemunho, cartas, diários, memórias em textos produzidos por escritores e escritoras latino-americanas. *Letras em Revista*, v. 14, n. 2, 2023. Dossiê: Escritas de si: autobiografia, autoficção, literatura de testemunho, cartas, diários, memórias em textos produzidos por escritores e escritoras latino-americanas. Disponível em: https://letrasemrevista.uespi.br/index.php/inicio/article/view/42

4. LEITURA COMPLEMENTAR

O movimento biográfico em Educação

As pesquisas educacionais sobre as escritas de si nos processos de formação e profissionalização docente expandem-se, no Brasil, a partir dos anos 1990, na sequência do que se pode denominar de "a virada biográfica em Educação". Muitos estudos sobre a profissão docente voltam-se, desde então, para a maneira como os professores vivenciam os processos de formação no decorrer de sua existência e privilegiam a reflexão sobre as experiências vividas no magistério.

Esses trabalhos, baseados nas histórias de vida como método de investigação qualitativa e como prática de formação, procuram identificar, nas trajetórias de professores, questões de interesse para a pesquisa educacional, entre as quais: as razões da escolha profissional, as especificidades das diferentes fases da carreira docente, as relações de gênero no exercício do magistério, a construção da identidade docente, as relações entre a ação educativa e as políticas educacionais. Intentam dar a conhecer, também, o modo pelo qual os professores-narradores-autores representam o próprio trabalho de biografização, considerando tanto a dimensão institucional de escritas, realizadas em contexto de aprendizagem formal, quanto a que António Nóvoa (1996) associa aos sentidos atribuídos à esfera privada da profissão.

Nesses estudos, que analisam como os atores-agentes definem os diversos aspectos que o caracterizam como profissional da educação, a representação do trabalho docente, nos temas por eles tratados, vem se revestindo de múltiplas significações. Podem ser citados: o despertar para a profissão, os relacionamentos intragrupo (com os pares), as relações intergrupos, envolvendo o diálogo com instâncias administrativas educacionais, pais de alunos e o grupo de alunos em sala de aula, com particular atenção para os processos de ensino-aprendizagem, a relação pedagógica e as exigências curriculares (GOODSON, 1992; SILVA, 2004), bem como questões voltadas para o imaginário, a cultura material e o cotidiano escolar.

A partir dos anos 2000, novas orientações acrescentaram-se à perspectiva inicial, diversificando e ampliando a investigação sobre as escritas de si no processo de formação e profissionalização docente. A diversidade de abordagens utilizadas nesses estudos encontra na denominação de *pesquisa (auto)biográfica* um território comum e propício ao diálogo entre pesquisadores, em rede nacional e internacional. Adotada nas diferentes edições do Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)Biográfica (CIPA), essa denominação remete a um campo de investigação já consagrado em países anglo-saxões (*Biographical Research*), na Alemanha (*Biographieforschung*) e em processo de reconhecimento na França (*Recherche biographique en éducation).*

Nessa perspectiva, não se trata de encontrar nas escritas de si uma “verdade” preexistente ao ato de biografar, mas de estudar como os indivíduos dão forma à suas experiências e sentido ao que antes não tinha, como constroem a consciência histórica de si e de suas aprendizagens nos territórios que habitam e são por eles habitados, mediante o processos de biografização. Aqui a noção de *grafia* não se limita à escrita produzida em uma língua natural (oral e escrita), mas amplia a investigação fazendo entrar outras linguagens no horizonte da pesquisa e das práticas de formação: fotobiografias, audiobiografias, videobiografias e abre-se para a infinidade de modalidades na web: blogs, redes, sites para armazenar, difundir e praticar formas de contar, registrar a vida e até mesmo de viver uma vida virtual (Bibble; biographie.com; nègres pour inconnus; biographie.net, Second Life, o Museu da Pessoa...)

Diante da desestruturação das instituições socializadoras tradicionais, que normalizavam o curso da vida, o indivíduo é confrontado aos imperativos da autorrealização, da autoformação. Nesse sentido, conhecer, ouvir, ler a vida do outro é um modo de formação, que nos remete à tradição alemã dos *Bildungsroman* romances de formação, que se difundem a partir do século XVIII e nos fazem pensar sobre a tradição didática milenar da hagiografia, que se inicia no século IV, com as Confissões de Santo Angostinho. O *outro* muda apenas de roupagem. Se as vidas do herói e dos santos serviram de modelo para gerações anteriores, atualmente, são as vidas de atletas, estadistas, artista, grandes intelectuais e empreendedores que despertam interesse. Trata-se sempre, como lembra Arfuch (2010), de querer saber como e por que se entra para a história. Essa busca da história de vida do outro ultrapassa os limites da curiosidade gratuita para se tornar uma busca de padrões de comportamento. Em síntese, formar-se pela história do outro, pela *heterobiografia*, é, para Delory-Momberger (2008), constitutivo da *condição biográfica*, na modernidade avançada. A noção de condição biográfica, discutida no último livro da autora (DELORY-MOMBERGER, 2009), situa o indivíduo entre a imposição de modelos biográficos e o gerenciamento da própria vida.

A centração no indivíduo como agente e paciente, agindo e sofrendo no seio de grupos sociais, conduz cada vez mais a se investigar em Educação a estreita relação entre aprendizagem e reflexividade autobiográfica. Sendo essa última considerada enquanto a capacidade de criatividade humana para reconstituir a consciência histórica das aprendizagens realizadas ao longo da vida.

Para Gaston Pineau (1999, p. 331), o vínculo entre biografia e aprendizagem surge na França, nos anos 1970, com Henri Desroche (1990), na École des Hautes Études en Sciences Sociales. No dispositivo de formação por ele concebido e denominado *autobiografia refletida*, o objetivo da escrita autobiográfica é que a pessoa em formação efetue um retorno reflexivo sobre o seu "trajeto para construir a partir dele um projeto de pesquisa-ação-formação".

Em grandes linhas, esse é o cenário no qual se desenvolve a colaboração entre os grupos de pesquisa dos Programas de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e da Universidade de São Paulo (USP). O objetivo do projeto é dinamizar as parcerias entre o grupo de pesquisa Autobiografia, Formação e História Oral (GRAFHO|UNEB), o Grupo Interdisciplinar de pesquisa, Formação, (Auto)biografia e Representações (GRIFAR|UFRN) e o grupo História e Sociologia da Profissão Docente (da FEUSP|USP), os quais vêm colaborando em atividades de formação, publicações científicas apoiadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), assim como na realização das três últimas edições do CIPA. Propomo-nos partilhar aqui as principais orientações de pesquisa que norteiam as ações de investigação e de formação empreendidas pelos referidos grupos, em rede de colaboração, no contexto brasileiro.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, memória e identidade. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 369–386, abr. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/edur/a/hkW4KnyMh7Z4wzmLcnLcPmg/?format=html&lang=pt.

5. EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

a) Leia um fragmento do diário de Clovis Moura e destaque elementos que evidenciam a construção da identidade do autor.

b) Compare trechos das memórias de Dagoberto Costa com documentos históricos sobre a Guerrilha do Araguaia, identificando convergências e divergências.

c) Analise como Liliane Haag Brum articula memória pessoal e memória coletiva no relato da Guerrilha.

6. SUGESTÕES DE APROFUNDAMENTO NO TEMA

BERBERIAN, Ana Paula; VIEIRA, Sammia Klan; LEITE, Maria Alzira. Narrativas escritas autobiográficas e a ressignificação das relações de sofrimento com a leitura e a escrita no ensino superior. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 1–22, 2025. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/99117.

7. DE OLHO NO MUNDO DIGITAL

https://www.zotero.org

O Zotero é uma ferramenta gratuita e de código aberto projetada para auxiliar na coleta, organização, anotação, citação e compartilhamento de fontes de pesquisa. Ele permite que os usuários armazenem informações bibliográficas, como autor, título e campos de publicação, e exportem essas informações como referências formatadas. Além disso, o Zotero oferece recursos modernos, como organização avançada, marcação e pesquisa, e interage de forma eficiente com recursos online, permitindo a extração automática de referências bibliográficas completas ao visualizar livros, artigos ou outros objetos na web.

AULA 8: GUERRILHA DO ARAGUAIA: VOZES FEMININAS E RESISTÊNCIA

1. INTRODUÇÃO

A Guerrilha do Araguaia representa um dos episódios mais marcantes e dolorosos da história da ditadura civil-militar brasileira, marcada pela repressão política, violência e violação de direitos humanos. Embora a memória histórica frequentemente enfatize o protagonismo masculino nos conflitos armados, este percurso didático propõe olhar para as vozes femininas que participaram da resistência, destacando sua coragem, resiliência e protagonismo político.

A proposta busca articular história e literatura, promovendo a leitura de textos de testemunho, relatos autobiográficos, obras literárias e textos históricos/acadêmicos que permitem compreender a experiência das mulheres envolvidas na Guerrilha do Araguaia. Por meio de análises críticas e reflexivas, os estudantes serão estimulados a interpretar narrativas de resistência, refletir sobre questões de gênero, cidadania e direitos humanos, e produzir textos que expressem essas perspectivas.

2. CONCEITOS-CHAVE

1. **Resistência feminina:** refere-se à atuação das mulheres em contextos de repressão política, enfatizando seu protagonismo na luta por direitos, liberdade e justiça durante períodos de opressão, como a ditadura civil-militar brasileira (Santos; Calegari, 2025).
2. **Engajamento político e cidadania:** refere-se à participação ativa de indivíduos e grupos na luta por mudanças sociais e políticas, incluindo o papel das mulheres na Guerrilha do Araguaia. Esse conceito permite compreender como a ação coletiva e individual em contextos de repressão contribui para a construção da cidadania, da consciência política e da resistência frente a injustiças (Santos; Calegari, 2025).
3. **Memória histórica e direitos humanos:** Refere-se à preservação e reflexão sobre experiências do passado, conectando-as à compreensão de direitos humanos, cidadania e justiça social, especialmente ao analisar a violência política e a participação feminina em movimentos de resistência (Santos; Calegari, 2025).

3. PARA REFLEXÃO

a) Como a participação das mulheres na Guerrilha do Araguaia desafia os estereótipos de gênero sobre envolvimento político e militar durante a ditadura civil-militar brasileira?

b) De que maneira os relatos autobiográficos e a literatura de testemunho ajudam a compreender a experiência feminina de resistência e a violência política sofrida?

c) Por que é importante preservar a memória das vozes femininas na história da Guerrilha do Araguaia e como isso contribui para a reflexão sobre direitos humanos e cidadania hoje?

As mulheres na Guerrilha do Araguaia

Como destacado anteriormente, as mulheres participaram das mais variadas formas de resistência à Ditadura. Elas estiveram atuantes dentro dos movimentos guerrilheiros, mas, como destacou Maria Amélia de Almeida Teles (2017, p. 77), houve certa relutância dentro dessas organizações em incorporar as mulheres e as estimativas apontam que elas correspondiam à aproximadamente 11% dos militantes que atuaram nas guerrilhas. Ainda segundo a autora, esse número pode ter sido reflexo das percepções sobre a importância da mulher na transformação da sociedade e, nesse sentido, vê-se a concepção do homem como agente histórico que ainda predominava dentro dos grupos armados.

Ou seja, embora houvesse uma ampla diversidade no debate e no engajamento militante, o papel das mulheres dentro dos partidos e organizações de esquerda era bastante limitado e restrito. Nessas instituições, as lideranças e cargos de comando eram, em sua maioria, ocupados por homens. Marcelo Ridente (2010, p. 197) apontou que dentre aqueles que foram processados por atividades armadas, 84% eram homens. E ainda, as mulheres representavam 4% do total de militantes da Aliança Libertadora Nacional e 24% da Vanguarda Popular Revolucionária (Ridente, 2010, p. 198).

Ridente (2010, p. 197) apontou também que dentre as mulheres de esquerda que foram processadas pelo Estado por suas atividades, aproximadamente 70% delas eram estudantes, professoras ou possuíam curso superior, indicando uma procedência de mulheres de grupos intelectualizados dentro dos movimentos armados. Ao observar a biografia de muitas militantes, inclusive do Araguaia, vê-se que as atividades políticas delas se iniciaram, muitas das vezes, dentro das universidades. Parece-nos que o estrato social e a possibilidade de acesso à educação superior foram fatores importantes para a ação política armada das mulheres, o que nos leva a apontar o corte da classe como fator impor-tante para compreender o engajamento das guerrilheiras.

No caso do PCdoB e da Guerrilha do Araguaia, a direção do movimento ficou a cargo, principalmente, dos militantes Maurício Grabois, João Amazonas, Angelo Arroio e Osvaldo Orlando da Costa (Osvaldão). As mulheres representaram 17% dos guerrilheiros do Araguaia, somando um total de 14 integrantes e nenhuma delas ocupou a posição de coman-dante em qualquer um dos três destacamentos principais (A, B e C) da Guerrilha (RCNV, 2014, p. 684).

Segundo dados de um dossiê publicado pelo Arquivo Nacional (2024) e a partir de buscas feitas em outros docu-mentos, dentre as mulheres que estiveram na guerrilha e/ou desapareceram no conflito, estavam Elza de Lima Monnerat, que fazia parte da executiva do partido, Lúcia Maria de Oliveira (codinomes: Lúcia, Marisa, Marise, Mariza, Maria, Maroza), Áurea Eliza Pereira, Dinalva Conceição Oliveira Teixeira (codinome: Dina), Celia Sanchez de Cristie, Crimeia Alice Schimidt de Almeida, Dinaelsa Soares Santana, Helenira Resende de Sousa Nazareth ou Eliana Rezende Barbosa ou Helena Resende Barbosa ou Helenira Souza Nazareth (codinomes: Fátima, Rosa), Jana Moroni Barroso (codinomes: Cristina, Ângela), Lucia Maria de Souza, Luiza Augusta Garlippe ou Luiza Augusta Carlipe ou Luzia Augusta Carlipi (codinome: Tuca), Luzia Reis Ribeiro, Maria Célia Corrêa (codinomes: Rosa, Catarina), Maria Lúcia Petit da Silva, Regilena da Silva Carvalho, Regina Ferreira da Silva, Suely Yumiko Kanayama ou Sueli Yomiko Kanayama (codinome: Chica, Vera), Telma Regina Cordeiro Correa (codinomes: Maria, Lia), Tereza Cristina Albuquerque e Walkiria Afonso Costa.

Os dados biográficos das guerrilheiras foram retirados do Memorial da Resistência do Estado de São Paulo e é interessante observar que muitas militantes viveram em grandes cidades antes de se encaminharem para a região do Araguaia. Várias tinham curso superior e iniciaram suas atividades no PCdoB dentro dos setores de agitação e propaganda. A partir de 1970, com o avanço da repressão e do risco que os militantes corriam estando nas áreas urbanas, onde o aparelho repressor tinha mais força, muitas das mulheres comunistas optaram pela guerrilha paraense como forma de tentar escapar da violência estatal. Esse deslocamento se deu também porque o partido havia assumido a tática da guerra popular prolongada, por isso, seus militantes deveriam ser encaminhados para o campo a fim de formar um exército rebelde e desenvolver os embates com as forças armadas regulares.

Existem duas categorias distintas de mulheres que foram afetadas diretamente pela Guerrilha do Araguaia. A primeira categoria inclui as mulheres que eram militantes ativas do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e participaram efetivamente da luta armada. Além delas, como forma de resistência, algumas camponesas da região se juntaram aos guerrilheiros, vendo neles uma esperança de mudança e uma chance de resistir à opressão dos coronéis e do regime. A segunda categoria é composta por mulheres camponesas que, embora não fossem militantes, foram profundamente afetadas pelas consequências da violência militar na região. A fala da camponesa Marlene, cujo pai foi preso e torturado pelos militares porque ajudou os guerrilheiros, confirma esse apontamento:

> *Quando nós demos fé a nossa casa cercou de soldados. Chega estava tudo verde [dos uniformes dos soldados] assim, aí cercou a casa, foram invadindo a casa, aí já foram pegando meu pai, aí já foram amarrando, tirando meu pai pra fora, expulsando, sabe. Aí nós saímos de casa [o exército] mandou sair tudinho de casa, nós saímos tudinho, aí saíram tocando meu pai igualmente toca porco, sabe. Na estrada, bateram, empurraram meu pai, derrubaram meu pai, falaram meio mundo de coisas pro meu pai, aí a mãe saiu atrás com nós [sic] chorando (Araguaia, 2011).*

A história de Marlene reflete o impacto da violência do Estado contra as famílias da região da Araguaia, mesmo que elas não tivessem contato com a guerrilha. É comum encontrarmos nos depoimentos que os camponeses da região forneceram comida e utensílios (rede, maquinário, roupa) para os militantes, mas fizeram isso longe da vigilância do exército. Também havia muitas mulheres que por mais que concordassem com a guerrilha, não se alinharam a luta por temer que seus filhos e familiares sofressem nas mãos dos soldados ou enfrentassem outras formas de represália. A camponesa Francisca, em uma fala exibida no documentário "Araguaia: campo sagrado", indica essa percepção:

> *Nossa!!!!! Eu tinha três meninas, quando Xambioá se entupiu de soldado, eu tinha medo demais. Não por mim, não, não, não [...] estava acostumada com as "burduadas" da vida [...] dos home [...] quer dizer [...] (parada longa, entrecortada por suspiros). Mas eu queria preservar as meninas [...] eu sou de garimpo, lugar de muito home [...] mulher não tem paz. Os soldado era igual os garimpeiros, sem orde e respeito. Então eu escondia as menina, tirei de Xambioá, mandei pros lados dos Cocos, cidade de Babaculância -TO (Araguaia, 2011).*

Apesar do medo e da violência, como citamos, as mulheres representaram 17% dos guerrilheiros do Araguaia, um número maior do que em outros movimentos armados. As integrantes dessa guerrilha eram em sua maioria estudan-tes inspiradas pela onda feminista de autoras e movimentos de esquerda dos anos 1970, que se espalharam pelo Brasil em resistência ao regime. Essas mulheres desempenharam diversas funções, foram combatentes, enfermeiras, professoras, cozinheiras e líderes.

Ancestralidade feminina: Memória, Resistência e Identidade

A ancestralidade feminina é um tema central nos estudos feministas, articulando questões de memória, resistência e identidade. A construção histórica da figura feminina perpassa relações de poder, processos de silenciamento e modos de ressignificação da experiência vivida. A partir de uma abordagem crítica, fundamentada na teoria feminista interseccional, este texto examina como as trajetórias das mulheres, especialmente das mulheres negras, indígenas e de classes populares, são marcadas pela luta por direitos e pela construção de espaços de existência e resistência.

O conceito de ancestralidade feminina está intrinsecamente ligado à transmissão de saberes, práticas culturais e formas de organização social que, ao longo dos séculos, foram marginalizadas ou invisibilizadas pelo patriarcado. Segundo Bell Hooks (2019), o feminismo negro evidenciou a necessidade de revisitar o passado das mulheres para compreender o presente e transformar o futuro. Essa revisão permite identificar as vozes apagadas da história e ressignificar narrativas que antes estavam sob o domínio de uma história oficial masculinizada e eurocéntrica.

A interseccionalidade, conceito formulado por Kimberlé Crenshaw (2002), é essencial para a compreensão da ancestralidade feminina. As experiências das mulheres não são homogêneas; ao contrário, são atravessadas por categorias como classe, raça e etnicidade. O feminismo negro e o feminismo decolonial enfatizam que a ancestralidade das mulheres não pode ser dissociada dos contextos de opressão histórica que estruturam as sociedades. Conceição Evaristo (2017) reforça essa perspectiva ao tratar do conceito de “escrevivência”, no qual a memória das mulheres negras é transmitida por meio da oralidade e da literatura.

As mulheres são protagonistas na manutenção da cultura e da identidade dos povos. Em comunidades tradicionais, são responsáveis pela transmissão de línguas, costumes, danças, músicas e saberes ancestrais. No Brasil, autoras como Lélia Gonzalez (2020) destacam que o resgate dessas práticas é um processo de reparação histórica, fundamental para combater a subalternização das mulheres negras e indígenas.

A espiritualidade é um elemento central na construção da ancestralidade feminina. Nas religiões de matriz africana, por exemplo, a presença das mulheres é essencial para a preservação de cultos e práticas de resistência ao colonialismo e ao racismo estrutural. Segundo Oyèwùmí (2004), a espiritualidade africana confere às mulheres um papel de liderança que desafia a lógica patriarcal imposta pelo Ocidente.

O reconhecimento da ancestralidade feminina é um passo fundamental para a descolonização do conhecimento e a valorização das trajetórias femininas ao longo da história. O feminismo, ao dar voz a essas narrativas, permite a construção de novas epistemologias e práticas sociais mais justas e igualitárias. Ao resgatar a memória das mulheres, criamos possibilidades de um futuro no qual suas histórias sejam reconhecidas e celebradas.

Disponível em: https://cafecomsociologia.com/ancestralidade-feminina-memoria-resistencia-e-identidade/

4. LEITURA COMPLEMENTAR

[...] As mulheres de Xambioá, especialmente por se moverem no âmbito do cotidiano e da vida privada, gozavam de espaços de atuação sustentados pela familiaridade e pela informalidade das relações, transformando-as em observadoras perspicazes. Tanto é assim que em seus relatos vemos surgir narrativas de encontros despretensiosos com guerrilheiros, caso de Paulo (...).

Por outro lado, o que nos interessou discutir nesse artigo não foram as representações das entrevistadas sobre guerrilheiros e militares, mas como suas memórias são constituídas de lembranças filtradas por demandas de segurança para si e de proteção para os filhos, especialmente para as meninas, durante o conflito. Sobre isso é importante destacar que apesar de não ter havido uma mobilização coletiva e articulada por parte das mulheres de Xambioá para se protegerem, suas ações, principalmente as medidas de proteção, transformaram práticas de cuidado em estratégias consistentes de resistência contra as ameças de violência.

São justamente essas práticas de cuidado, mobilizadas pedagogicamente como forma de resistência ao próprio domínio masculino, que fazem com que as entrevistadas reconheçam o papel social dos "paulistas" quando atuavam no âmbito das necessidades médicas e farmacológicas, fazendo partos, tratando doenças e distribuindo medicamentos. Por outro lado, esse reconhecimento não era ingênuo, o que pode ser constatado à medida que elas buscavam proteger seus filhos do contato com os mesmo "paulistas", melhor nomeados guerrilheiros.

O mecanismo da desconfiança, comum entre mulheres de todos os grupos, as quais são cientes das opressões das sociedades androcêntricas, foi mobilizado pelas mulheres de Xambioá tornando-as mais alertas aos movimentos estranhos ao seu cotidiano; cotidiano esse que em situações de conflito e tensão se torna um aliado primordial à sobrevivência e à proteção. Sem dúvida, essas mulheres estavam aterrorizadas, mas, ao contrário do desespero, reinventaram suas vidas privadas.

Essa reinvenção ocorreu principalmente depois que os "soldados", em grande número, ocuparam a cidade, pois o espaço público, que nunca foi abertamente franqueado às mulheres, teve sua função de ambiente de múltiplos perigos recrudescida: sair à rua, especialmente à noite, era algo que elas preferiam evitar. A casa, o ambiente doméstico, apesar de não perder o seu caráter opressor, é transformado em um espaço seguro.

No entanto, nem todas tinham a casa como ambiente protegido, caso de Francisca que, por exercer o ofício da prostituição, teve que retirar suas filhas da cidade, encaminhando-as para um ambiente seguro longe da região do Araguaia. Por outro lado, mesmo que o espaço doméstico não fosse seguro para as filhas de Francisca, a dinâmica de proteção, a partir de medidas relativas ao cotidiano, persiste, pois as práticas de cuidado, reinventadas, não eram, naquelas circunstâncias, uma imposição do patriarcado, mas os modos e meios possíveis que elas encontraram para resistir à iminente violência da Guerrilha do Araguaia.

Enfim, o que essas mulheres reteram em suas memórias sobre a Guerrilha do Araguaia, além de responder questões sobre o próprio processo, repõe o problema dos conflitos armados a partir da ótica dos que mais sofreram: as populações atingidas pelas forças em disputa. No caso específico das mulheres de Xambioá, nesse artigo priorizamos evidenciar, para além do seu sofrimento, sua agência como resistência às opressões históricas que o patriarcado lhe impõe.

MEDEIROS, Olivia Macedo Miranda de; MEDEIROS, Euclides Antunes de; FERREIRA, Wiris Orimar. A guerrilha do Araguaia na memória das mulheres de Xambioá-TO: práticas de cuidado e resistências do cotidiano. *Revista Humanidades e Inovação*, Palmas, v. 9, n. 10, 2022, p. 212-213.

5. EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

A Literatura de Testemunho tem sido uma forma poderosa de preservar memórias de resistência e experiências pessoais em contextos de opressão. Considerando a Guerrilha do Araguaia e o protagonismo feminino, assim como as autoras apresentadas na tabela abaixo, responda:

Como a Literatura de Testemunho permite compreender a experiência feminina em contextos de violência política e social, e de que maneira as obras das autoras da literatura brasileira podem dialogar com os relatos das mulheres da Guerrilha do Araguaia?

Instruções para resposta:

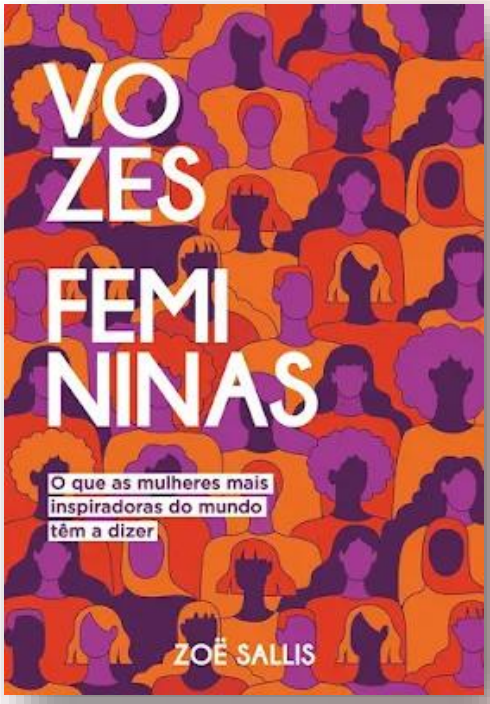
- Identifique elementos de resistência presentes nos textos e testemunhos.
- Relacione-os à vida e experiências das mulheres na Guerrilha do Araguaia.
- Faça conexões entre as obras literárias e o papel da memória histórica na construção da narrativa feminina de resistência.

AUTORA	OBRA(S) REPRESENTATIVA(S)	TEMÁTICA PRINCIPAL
Clarice Lispector	A Paixão Segundo G.H.	Introspecção psicológica e existencial
Conceição Evaristo	Ponciá Vicêncio	Vivência de mulheres negras e periferia
Carolina Maria de Jesus	Quarto de Despejo	Realidade social e resistência feminina
Lygia Fagundes Telles	Ciranda de Pedra	Relações familiares e conflitos internos
Cora Coralina	Poemas dos Becos de Goiás	Memórias e tradições goianas
Nélida Piñon	A Casa da Paixão	História e identidade feminina
Adriana Lisboa	Sinfonia em Branco	Conflitos familiares e identidade cultural
Ana Cristina Cesar	A Teus Pés	Poesia intimista e reflexões pessoais
Marina Colasanti	A Mulher que Odiava a Solidão	Relações interpessoais e femininas
Hilda Hilst	A Obscena Senhora D	Erotismo e transcendência

6. SUGESTÕES DE APROFUNDAMENTO NO TEMA

Escrito como forma de conhecer personalidades femininas e trazer inspiração e motivações para novas gerações de mulheres, *Vozes femininas* faz uma interessante abordagem ao entrevistar quarenta mulheres e lhes perguntar sobre suas histórias, ideias, experiências, traumas, aspirações, família etc. Ao dar-lhes espaço e voz, Zoë Sallis reúne várias daquelas que, por muitas vezes, foram silenciadas em uma sociedade machista e patriarcal, porém, não desistiram e marcaram seus nomes na história de uma forma ou de outra. Algumas já são nomes conhecidos na mídia, outras, não. Mas, agora, serão. *Vozes Femininas* leva o leitor a pensar e a refletir o quanto o mundo e os recortes sociais são diferentes para cada uma. Em suas páginas, mulheres de diferentes raças, religiões, carreiras e nacionalidades expõem não apenas suas opiniões, mas transmitem aquilo que acreditam da forma como foram criadas e socialmente adaptadas. As mais diversas personalidades instigam e fazem com que o leitor pense quais seriam suas respostas e o quão significativas elas seriam para as próximas gerações. Mais do que agir, é preciso ouvir para não perpetuar erros do passado.

Disponível em: www.reinoliterariobr.com.br/2020/12/resenha-vozes-femininas.html



7. DE OLHO NO MUNDO DIGITAL

"Mulheres, Repressão e Resistência" – site Memórias da Ditadura, que reúne depoimentos, reflexões e informações sobre a participação feminina nos processos de resistência à ditadura civil-militar.

https://memoriasdaditadura.org.br/mulheres-resistencia-e-repressao/

AULA 9: DIDÁTICA DO TESTEMUNHO: CONSTRUINDO AULAS DE LITERATURA A PARTIR DA GUERRILHA DO ARAGUAIA

1. INTRODUÇÃO

O ensino da literatura, quando articulado à memória e à história, abre espaço para o diálogo entre a experiência humana e o conhecimento estético. A Guerrilha do Araguaia, um dos episódios mais silenciados da ditadura civil-militar brasileira, oferece um campo fecundo para desenvolver uma didática do testemunho, que convida o leitor a ouvir, refletir e reconstruir narrativas de resistência.

A literatura de testemunho, conforme discute Márcio Seligmann-Silva (2003), é o espaço onde o trauma e a memória se transformam em palavra, permitindo que o sofrimento histórico seja narrado e compreendido. Nesse sentido, o professor de Literatura atua não apenas como transmissor de conteúdo, mas como mediador ético da memória, facilitando o diálogo entre o passado e o presente, entre o texto e a experiência social.

Esta aula propõe o exercício de construção de práticas didáticas que utilizem textos literários e testemunhais sobre a Guerrilha do Araguaia, refletindo sobre o papel do ensino da literatura como instrumento de resistência, empatia e formação cidadã.

2. CONCEITOS-CHAVE

1. **Literatura de Testemunho:** Gênero literário que emerge do relato de experiências-limite, como guerras, ditaduras, perseguições e exílios, e busca preservar a memória dos acontecimentos por meio da palavra (Seligmann-Silva, 2003; Sarlo, 2007).

2. **Memória e Trauma:** a memória é a reconstrução simbólica do passado, enquanto o trauma representa o não-dito, o que retorna pela narrativa (Halbwachs, 2006; Benjamin, 1989; Ricoeur, 2007).

3. **Didática do Testemunho:** Proposta pedagógica que integra literatura, ética e história, promovendo o ensino da literatura como espaço de escuta, reflexão e reconstrução da memória coletiva. (Souza, Figueiredo e Pereira, 2024).

4. **Ética da Escuta:** princípio que valoriza o acolhimento das narrativas e a empatia diante do sofrimento narrado, essencial ao ensino de textos de testemunho (Kessler *et al*., 2017).

3. PARA REFLEXÃO

a) De que forma o testemunho literário transforma a dor e o trauma em experiência estética e pedagógica?
b) Qual o papel do professor de literatura na preservação da memória e na escuta das vozes silenciadas pela história?
c) Que estratégias de leitura e escrita podem aproximar os estudantes do ensino médio do conceito de Literatura de Testemunho?

PARA APROFUNDAR

Sobre o texto abaixo:

WALTER, Letícia. *A didática da literatura na perspectiva da formação de professores de língua portuguesa: reflexos e contributos para a escola e sociedade*. 2014. Dissertação (Mestrado em Literatura de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino) — Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014. Disponível em: https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/26809/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado%20%28corrigida%29.pdf.

Temos que entender:

1. Importância do currículo na formação docente
O currículo e o equilíbrio entre teoria e prática são determinantes na formação do profissional.
Professores universitários têm responsabilidade na qualidade do ensino de Literatura.
Há um processo de "menorização" do ensino literário que impacta a formação de docentes da Educação Básica.

2. Problemas na articulação curricular
Falta de alinhamento entre Projeto Pedagógico e ementas.
Possíveis causas:
- Autoria fragmentada dos currículos.
- Compreensão superficial dos PCNs.

Falta de integração entre teoria e prática.

3. Fragilidades das disciplinas práticas
Práticas aparecem "embutidas" sem detalhamento claro.
Ausência de explicação sobre como a prática ocorre.
Falta de articulação entre formação específica e pedagógica.
Escassez de conteúdos sobre tecnologias educacionais.

4. Déficit na formação para docência
Mais da metade das disciplinas são voltadas ao conhecimento específico.
Apenas cerca de 10% são destinadas à formação docente.
Avaliação educacional é pouco abordada ou inexistente.

5. Desvalorização da formação de professores
Formação docente ocupa posição secundária nas universidades.
Pesquisa e pós-graduação têm maior prestígio.
Cultura acadêmica reforça a baixa valorização da docência.

6. Formação profissional e cidadania
Curso de Letras deve formar profissionais críticos e conscientes.
Ênfase no uso qualificado da linguagem.
Formação voltada para atuação social e construção da cidadania.

O Testemunho como Metodologia

1. O que significa utilizar o testemunho como metodologia no contexto acadêmico?
O testemunho como metodologia consiste em compreender a narrativa de experiências, especialmente traumáticas, como um instrumento de produção de conhecimento. Ele não busca apenas relatar fatos, mas dar sentido ao que muitas vezes é difícil de representar, valorizando a subjetividade e a dimensão ética da escuta. No contexto acadêmico, isso implica reconhecer o testemunho como forma legítima de construção de saber, especialmente em temas relacionados à memória, violência e história.

2. Qual a relação entre trauma e testemunho nesse processo metodológico?
O trauma representa uma experiência que ultrapassa a capacidade imediata de compreensão e elaboração do sujeito. Nesse sentido, o testemunho surge como tentativa de narrar o que inicialmente é irrepresentável. Através da fala, da repetição e da elaboração simbólica, o sujeito busca dar sentido à experiência traumática, transformando-a em narrativa. Assim, o testemunho funciona como ponte entre o vivido e o compreendido.

3. Por que o testemunho é considerado uma prática ético-política?
O testemunho é ético-político porque rompe com o silêncio imposto por contextos de violência, como as ditaduras, e permite que vozes historicamente silenciadas sejam ouvidas. Ele não apenas narra experiências individuais, mas também questiona versões oficiais da história, evidenciando disputas de memória. Nesse sentido, testemunhar é um ato de resistência, que contribui para a construção de uma memória coletiva mais justa.

4. Como o testemunho pode ser aplicado no ensino, especialmente na formação em Letras?
No ensino, o testemunho pode ser utilizado como estratégia pedagógica que envolve tanto a escuta quanto a produção de narrativas pelos estudantes. Ao relacionar conteúdos teóricos com experiências pessoais, práticas de estágio ou vivências sociais, os alunos constroem um aprendizado mais significativo. Essa metodologia estimula reflexão crítica, sensibilidade ética e implicação subjetiva no processo de formação profissional.

5. Quais são os principais desafios do uso do testemunho como metodologia?
Entre os principais desafios estão os limites da linguagem para expressar experiências traumáticas e a dificuldade de escuta por parte de quem recebe o testemunho. Além disso, como se trata de narrativas subjetivas e incompletas, não há garantia de total compreensão ou verificação objetiva. Por isso, o testemunho exige um compromisso ético com a escuta, o respeito à singularidade e a abertura para lidar com aquilo que permanece como fragmento ou silêncio.

ADAPTADO. KESSLER, Helena Pillar; KVELLER, Daniel Boianovsky; RODRIGUES, Marina da Rocha; SZUCHMAN, Karine Shamash. O ensino testemunhal entre os restos da ditadura: uma metodologia ético-política. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 37, n. esp., p. 163-166, 2017.

4. LEITURA COMPLEMENTAR

Há algumas estratégias e metodologias que podem fazer com que os alunos se sintam confortáveis com a leitura do texto literário e desenvolvam, a partir de leituras feitas na escola, o gosto pelo literário e o potencial crítico e reflexivo necessários para o desenvolvimento do gosto e do refinamento estético.

Acima de toda e qualquer estratégia está o gosto leitor do professor. O professor, enquanto leitor, precisa ser assíduo a este hábito e precisa conhecer um vasto repertório de autores e textos que sirvam para a faixa etária com a qual trabalha. Infelizmente, esta não é uma realidade nas escolas brasileiras. Muitas pesquisas apontam que, no trabalho realizado em sala de aula, as concepções de transmissão e repetição de conteúdos ainda são o centro de todo o trabalho. Além disso, muitos professores demonstram pouco conhecimento da produção literária para crianças e jovens e, portanto, não utilizam esses materiais de leitura em seu cotidiano. Para Aguiar e Bordini (1993: 34), "o esvaziamento do ensino de literatura se acentua, portanto, não só pelo pequeno domínio do conhecimento literário do professor, mas também pela falta de uma proposta metodológica que o embase".

Segundo Geraldi (2004), o sucesso da leitura teria como primeiro passo trazer para a escola o prazer de ler e o respeito aos conhecimentos e leituras anteriores do aluno. É importante que se reconheça que nenhum leitor inicia o seu percurso a partir dos clássicos, o que significa que os professores devem instigar seus alunos a fazerem o maior número de leituras possíveis, mesmo que eles ainda não correspondam a todas as expectativas do professor.

Silva (2003: 103) afirma que,

> *o ensino de leitura sempre pressupõe três fatores: as finalidades, os conteúdos (textos) e as pessoas envolvidas no processo, ou seja, as características dos alunos e da turma a ser trabalhada. Sem a presença desses três fatores, o trabalho com a leitura / literatura corre o risco de se tornar vazio ou um "receituário" em que se repetem esquemas já prontos.*

Desse modo, o trabalho com o texto literário passa pela constituição histórica da Literatura, suas obras e composições, e as figuras do professor e do aluno. Para tanto, é preciso que o ensino coloque tanto o aluno quanto o professor em contato com os textos literários, de modo que eles possam refletir e recriar a linguagem literária, facilitando a formação de novos horizontes.

Sabemos da realidade educacional brasileira e também das dificuldades que o professor encontra para diversificar suas aulas, no entanto, para amenizar este problema, a formação continuada e a constante atualização ainda são as principais armas dos professores. Outra questão relevante é que a maioria dos alunos de escolas públicas não possuem condições materiais de adquirir livros variados, ficando restritos às opções existentes nas bibliotecas escolares, que nem sempre estão atualizadas, em bom estado ou disponíveis.

A partir de tudo isso, selecionamos algumas ideias coerentes e de bons resultados no ambiente escolar. Essas ideias consistem em algumas estratégias que partem, essencialmente, da produção de uma sequência didática ou planejamento didático por parte do professor.

Rildo Cosson, *em Letramento literário: teoria e prática*, de 2006, apresenta a professores dois modelos de sequências: uma básica (para o Ensino Fundamental) e uma expandida (para o Ensino Médio). Além das duas sequências, o autor fundamenta sua pesquisa em três técnicas: a técnica da oficina, a técnica do andaime e a técnica do portfólio.

A primeira direcionada para o modo e lugar como os textos serão apresentados; a segunda para a troca de conhecimentos entre professor e aluno; e a terceira para o registro das observações e atividades. As três técnicas apresentam-se válidas para a interação entre aluno - texto literário – professor, pois possibilitam o diálogo e a troca de experiências entre os envolvidos.

A sequência básica compreende quatro etapas: 1) Motivação (preparação do aluno para a leitura do texto literário); 2) Introdução (apresentação do autor e da obra); 3) Leitura (acompanhamento da leitura por parte do aluno e do professor); 4) Interpretação (construção coletiva, por parte de alunos e professores, do sentido do texto).

A etapa da interpretação é vista como resultado das etapas anteriores e, para Cosson (2006: 65),

> *na escola é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura.*

A sequência expandida tem as mesmas etapas da sequência básica. No entanto, na expandida há dois momentos de interpretação. O primeiro é a compreensão global dos textos, incluindo alguns aspectos formais e o segundo é o aprofundamento de um dos aspectos do texto que seja necessário para os propósitos do professor.

Na fase de expansão da sequência, Cosson (2006) enfatiza a importância de se destacar os processos de intertextualidade, explorando os diálogos possíveis com outras obras, tanto as que a precedem quanto as que lhe são posteriores.

Também temos o Método Recepcional, desenvolvido por Aguiar e Bordini (1993), e descrito no livro *Literatura: formação do leitor: alternativas metodológicas*. Este método encontra-se baseado na Estética da Recepção, de Jauss (1994) e exige que, por um lado, o professor esteja preparado para selecionar textos referentes à realidade do aluno e, ao mesmo tempo, romper com ela; e, por outro, aponta para a importância do desenvolvimento da capacidade de refletir sobre a literatura e seus fatores estruturais.

São cinco as etapas de desenvolvimento do Método Recepcional: 1) Determinação do horizonte de expectativa; 2) Atendimento ao horizonte de expectativa; 3) Ruptura do horizonte de expectativa; 4) Questionamento do horizonte de expectativa; 5) Ampliação do horizonte de expectativa. Na última fase do processo, os alunos tomam consciência das alterações e aquisições obtidas através da experiência com a literatura. O final dessa etapa é o início de uma nova aplicação do método, que evolui, sempre permitindo aos alunos uma relação mais consciente com a literatura e com a vida.

Outra proposta também fundamentada na Estética da Recepção, de Jauss (1994), é a encontrada no livro *Literatura na escola: propostas para o ensino fundamental*, de Juracy Assman Saraiva e Ernani Mügge (2006). Essa metodologia foi desenvolvida com base no relato e na capacitação de alunos e professores e, segundo seus autores, foi legitimada pelo público formador e leitor, antes de ser definitivamente esquematizada.

Sua sequência não é muito diferente das duas anteriormente descritas e consiste em: 1) Leitura compreensiva (leitura inicial do texto e análise de sua expressão e de seu conteúdo); 2) Leitura interpretativa (confronto das leituras e impressões da primeira etapa; momento em que se sobrepõe a leitura do texto e a experiência do leitor); 3) Etapa de aplicação (extrapolação do significado do texto literário, relacionando-o com outros textos, outras épocas e outras condições sociais).

Segundo os autores (2006: 50), na primeira etapa, o leitor deverá estar apto para responder “Como o texto diz aquilo que diz?”; na segunda etapa, “Qual o sentido do texto?”; e, na terceira etapa, “Que diálogo há entre o texto e o contexto estético-histórico cultural atual e o momento da produção?”. As três estratégias didático-metodológicas apresentadas nesse artigo são apenas exemplos de estratégias que podem ser seguidas por professores, de acordo com a realidade de seu público-alvo. Todas elas partem do mesmo ponto de vista: a recepção do leitor, o modo como esse leitor pode ser levado a pensar crítica e criativamente sobre o mundo a sua volta. Cosson (2006), Saraiva e Mügge (2006) e Aguiar e Bordini (1993) não partiram do nada para o desenvolvimento de suas metodologias, mas de outros teóricos, filósofos e pesquisadores que, por falta de espaço, não foram contemplados nesse trabalho.

VALARINI , Sharlene Davantel. Estratégias didático-metodológicas para o “ensino” da leitura do texto literário. Disponível em: editora.pucrs.br/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S9/sharlenevalarini.pdf

5. EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

a) Quais elementos éticos e pedagógicos devem ser considerados pelo professor ao mediar textos que narram sofrimento, violência ou repressão política?

b) De que forma os relatos de Glênio Sá, Fernando Portela e Maurício Grabois diferem em perspectiva e estilo narrativo, e como essas diferenças podem ser exploradas didaticamente em sala de aula?

c) Como os conceitos de memória, trauma e testemunho, discutidos por autores como Seligmann-Silva e Ricoeur, podem orientar a criação de atividades pedagógicas que promovam empatia e reflexão crítica nos alunos do Ensino Médio?

d) Quais estratégias podem ser utilizadas para transformar textos testemunhais da Guerrilha do Araguaia em materiais didáticos interativos e engajadores, mantendo o rigor histórico e a sensibilidade ética?

6. SUGESTÕES DE APROFUNDAMENTO NO TEMA

Tema: Jogos e Simulações de Debate com Literatura de Testemunho

Objetivo: Estimular a capacidade dos acadêmicos de construir materiais pedagógicos interativos que promovam leitura crítica, debate e reflexão ética a partir de narrativas testemunhais.

Descrição da atividade:
a) Escolha do tema e dos textos: cada grupo seleciona um episódio da Guerrilha do Araguaia ou outro contexto histórico-literário de testemunho.
b) criação de um jogo didático: os acadêmicos elaboram atividades de debate ou simulação em sala, podendo incluir:
- quiz interativo sobre contexto histórico e personagens;
- debate de papéis (cada estudante representa um personagem ou perspectiva do texto);
- mapas conceituais sobre os eventos, dilemas éticos e estratégias de resistência;
- produção do material pedagógico: o grupo desenvolve um kit de aula, com instruções para aplicação, perguntas orientadoras, regras do jogo e materiais complementares (cartazes, slides, planilhas, cartas ou fichas de personagens);

Testagem do material: Os grupos apresentam a dinâmica para os colegas, que participam da simulação, e posteriormente discutem ajustes para a implementação real no Ensino Médio.

Recursos necessários: textos literários e de testemunho; quadro branco e post-its para mapas conceituais; computadores/tablets e projetor; ferramentas digitais de quiz (Kahoot, Quizizz, Mentimeter).

7. DE OLHO NO MUNDO DIGITAL

https://wordwall.net/pt-br/community/literatura

O site Wordwall-Literatura é uma plataforma colaborativa que oferece recursos didáticos interativos voltados ao ensino de literatura. Educadores e estudantes podem acessar quizzes, jogos de associação, questionários e outras atividades sobre autores, obras e movimentos literários. É possível criar e personalizar atividades próprias, adaptando-as ao nível e às necessidades dos alunos. A visualização dos recursos é gratuita, mas a criação completa requer assinatura paga. O site promove um aprendizado mais dinâmico e envolvente em sala de aula.

AULA 10: O PROFESSOR-LEITOR COMO GUARDIÃO DA MEMÓRIA DA GUERRILHA DO ARAGUAIA

1. INTRODUÇÃO

O ensino de Literatura oferece ao professor uma oportunidade singular de atuar como mediador da memória histórica, construindo pontes entre o passado e a compreensão crítica do presente. Nesse contexto, o papel do professor-leitor transcende a transmissão de conteúdo; ele se torna guardião da memória, responsável por orientar seus alunos na leitura ética e sensível de narrativas de sofrimento, resistência e luta por direitos humanos.

Este capítulo tem como propósito central explorar a relação entre ética, memória e mediação literária, oferecendo estratégias para que professores de Letras possam trabalhar a Guerrilha do Araguaia em sala de aula sem banalizar o sofrimento histórico. Por meio da análise de textos literários e testemunhais, da reflexão crítica e da produção de materiais didáticos, busca-se formar profissionais capazes de integrar teoria e prática, sensibilização ética e compromisso pedagógico.

2. CONCEITOS-CHAVE

1. **Leitura Ética:** conceito que propõe uma postura responsável diante de textos de sofrimento e testemunho, considerando a empatia, a ética da escuta e a sensibilidade pedagógica. O professor deve mediar a leitura sem distorcer ou banalizar as experiências narradas (Egídio; Reis, 2015).

2. **Mediação Literária:** processo pedagógico no qual o professor atua como facilitador da leitura, promovendo debates, reflexões e atividades que conectam o texto literário à experiência do leitor, estimulando compreensão crítica e sensível das narrativas históricas (Cosson, 2006).

3. PARA REFLEXÃO

a) Como o professor pode equilibrar a transmissão de memória histórica com a sensibilidade ética em sala de aula?
b) De que forma a literatura de testemunho pode formar leitores críticos e conscientes?
c) Como a “leitura ética” pode influenciar o planejamento e execução de aulas de literatura?
d) Quais são os desafios de transformar narrativas históricas traumáticas em recursos pedagógicos respeitosos e engajadores?

Métodos de leitura: diferentes possibilidades para serem aplicadas em sala de aula

Depois de discutirmos teoricamente sobre a leitura em sala de aula e sobre as diferenças entre a leitura de textos literários e de textos não literários, chegou o momento de analisarmos diferentes possibilidades de aplicação de métodos de leitura em sala de aula. Diferentes tipos e gêneros textuais pedirão diferentes tipos de atividades.

Começaremos com um trabalho a partir de um texto literário. Nesta aula, o professor introduzirá um gênero literário narrativo a partir da leitura de um conto, para que os alunos sejam convidados a inferir as características do gênero após a análise do texto. Assim, os estudantes passarão do concreto (texto literário) para o abstrato (características do gênero narrativo), e serão os responsáveis por construir esses conhecimentos, o que será muito mais significativo do que o professor simplesmente escrever no quadro a lista para os alunos copiarem. O texto escolhido pode ser o seguinte:

> *Grêmio*
> *Quando minha mãe morreu, eu acordava em Florianópolis. Na rodoviária de Porto Alegre pedi ao taxista que me levasse depressa. A viagem atrasara. Ele disse que, como o cemitério ficava perto do campo do Grêmio e tinha jogo naquela noite, o trânsito não estaria fácil. Passamos pelo clarão do estádio. O motorista ostentava quase um desconsolo, embora eu não tivesse confessado a qualidade íntima do velório. O padre soube observar meu suor. Horas depois forcei a chave para entrar no apartamento dela. Por que não tentar desde logo o que eu não ousara formular até ali? Virei-me. O cão rosnava. Preparava sua fúria para me atacar (NOLL, 1999, documento on-line).*

O conto, apesar de curto, guarda inúmeros sentidos e é bastante rico: o professor pode trabalhar as elipses temporais da narrativa; os significados de expressões, como “quase um desconsolo”, “qualidade íntima do velório”; o motivo de a frase “o padre soube observar o meu suor” ser importante na narrativa; o sentido do cão furioso no apartamento da mãe falecida; a relação entre o(a) narrador(a) e a mãe.

Depois desse trabalho imprescindível com os sentidos do texto, o professor deve questionar os alunos sobre quais elementos eles encontram nesse texto. Caso a turma sinta dificuldades, deve ajudar com perguntas, como “quem está contando a história?” ou “essa história se passa em algum lugar?”. Ao final, os alunos devem listar os elementos essenciais das narrativas: narrador, personagem, enredo, tempo e espaço. Outras narrativas podem ser lidas e interpretadas, e esses mesmos elementos podem ser analisados dentro delas.

Outra atividade para colocar em prática esses conhecimentos é uma produção textual literária: o professor deverá recortar imagens representando lugares, tempos e personagens. Deve colocá-los em três sacos distintos, destinados a cada um desses elementos, e sortear para cada um dos alunos um elemento. Assim, os alunos precisarão construir uma narrativa com os elementos sorteados. O professor poderá brincar com esses elementos para que essa seja uma atividade divertida. Por exemplo, como um aluno construirá uma narrativa dando conta de juntar, de forma coerente, o personagem Harry Potter no Japão em pleno século XIX? Além de trabalhar com os elementos da narrativa, os alunos ainda deverão utilizar muito da criatividade.

Aqui, portanto, o aspecto lúdico da literatura será igualmente desenvolvido. Para finalizar, o professor poderá propor que aqueles alunos que se sentirem confortáveis leiam seus textos para os colegas. Esse pode ser um momento interessante de debates e de trocas ricas. A Figura 1 apresenta exemplos de elementos que podem ser sorteados entre os alunos para se construir uma narrativa.

Aqui, portanto, o aspecto lúdico da literatura será igualmente desenvolvido. Para finalizar, o professor poderá propor que aqueles alunos que se sentirem confortáveis leiam seus textos para os colegas. Esse pode ser um momento interessante de debates e de trocas ricas. A Figura 1 apresenta exemplos de elementos que podem ser sorteados entre os alunos para se construir uma narrativa.

Outra sugestão de trabalho é com o gênero textual resenha. Depois de o professor já ter trabalhado com o gênero textual resumo, ele introduzirá o gênero resenha. É fundamental que os alunos já estejam familiarizados com o resumo, visto que uma das etapas da resenha é justamente o de resumir o objeto resenhado.

Primeiramente, os alunos devem assistir a um filme ou a um documentário, ler um livro ou ir a um museu — qualquer atividade envolvendo arte, para que, depois, eles possam resenhar. Uma sugestão é o documentário "Absorvendo o tabu". Para alunos com 14 anos ou mais, essa é uma interessante produção; Vencedora do Oscar de Melhor Documentário de Curta-Metragem em 2019, a obra aborda o tabu criado em torno da menstruação na Índia. Essa atividade pode, inclusive, fazer parte de um projeto transdisciplinar sobre a saúde do adolescente. Um debate deve ser realizado com os estudantes: por que e como uma condição biológica pode ser considerada como um tabu tão grande? Em que medida a realidade brasileira se aproxima ou se afasta da realidade indiana?

Depois do debate, o professor deve selecionar algumas resenhas sobre o filme na internet. A sugestão seria a de escolher três resenhas: uma resenha que o professor julgue muito boa; uma que ele julgue boa; e outra que ele julgue ruim. Primeiro, os alunos devem, por si próprios, ler as resenhas; apontar, para cada uma delas, em que passagens podemos encontrar informações e em que passagens encontramos a opinião do autor do texto sobre o objeto resenhado; apontar características positivas e negativas para cada um dos textos; e escolher qual a melhor, na sua opinião. Dessa forma, como no exemplo anterior, o aluno construirá conhecimentos sobre esse gênero textual de forma ativa e significativa, e não estará em uma posição passiva, de receber informações passadas pelo professor.

Em um próximo momento, o professor deve conduzir a conversa sobre as resenhas e ir explicando o que, em cada um dos textos, está adequado para o gênero textual — e que eles devem tomar como modelo — e o que não está adequado — e que eles devem evitar.

Em seguida, é chegado o momento de uma sistematização, que pode ser realizada no quadro: o professor, com o auxílio dos alunos, deverá elencar as características do gênero textual resenha. E, é claro, para finalizar esse momento, os alunos deverão produzir as suas próprias resenhas críticas sobre o documentário.

Um último exemplo de trabalho com texto em sala de aula poderia ser com um conto do escritor moçambicano Mia Couto, "O adivinhador das mortes". Na narrativa, surgem diversos neologismos, como observa-se no trecho a seguir:

> *No bairrinho de **Muitetecate** havia um poderoso **espiriteiro** que adivinhava, com acerto de álgebra, a data das individuais mortes [...] Pois, em **Muitetecate**, todos encorajavam Adabo Salanje a consultar os serviços do **adivinheiro** [...] Naquele mesmo momento, ele se decidiu e se encaminhou para o **adivinhista**. [...] **Desconsigo**. Sua cabeça está muito barulhosa. Aquiete lá o pensamento! [...] O cliente se abismalhou (COUTO, 2009, p. 189–197).*

As palavras em negrito não estão dicionarizadas, mas, nem por isso, o leitor é incapaz de compreender seus significados. Isso acontece porque essas expressões são formadas a partir de regras de formação de palavras existentes no nosso idioma e a partir de afixos e radicais igualmente existentes. *Adivinheiro*, por exemplo, é formado por adivinhar com o sufixo "eiro", que pode indicar o sujeito que pratica uma ação. Assim, adivinheiro é aquele que adivinha. Os alunos, portanto, depois de um trabalho de interpretação do texto em sua íntegra, seriam convidados a refletir sobre essas palavras "estranhas" e sobre o motivo de, apesar de elas não existirem no idioma, eles conseguirem compreender seus sentidos. A partir dessa análise, o professor poderá falar sobre a formação das palavras.

Ao final, o professor deverá retomar o conto e questionar seu aluno: por que será que o autor decidiu inventar essas palavras e não utilizar as que já existem na língua portuguesa? Qual efeito que essas palavras podem causar no leitor?

Essa ideia de trabalho mostra que é possível utilizar textos literários para trabalhar com questões linguísticas — desde que esse não seja o único fim da leitura. Nesse caso, o estudo sobre morfologia contribuirá para a ampliação da discussão sobre o conto e seus sentidos — e deve vir, é claro, acompanhada de um debate sobre o conto como um todo.

Figura 1. Imagens dos elementos que podem ser sorteados entre os alunos para se construir uma narrativa: personagens, tempos e espaços.

MINUZZI, Luara Pinto. *Literatura infantojuvenil*. São Paulo: Sagah, 2006. p. 205-206.

Intruso, incômodo, urgente: lugares do testemunho no ensino de literatura

Tendo como parâmetro o exame de documentos oficiais, manuais didáticos e de algumas propostas de trabalho em sala de aula, podemos concluir que o avanço quantitativo e qualitativo das pesquisas sobre o testemunho não tem encontrado paralelo em sua abordagem na educação básica brasileira. Os resultados são ainda mais incipientes quando associamos o debate sobre o testemunho ao ensino-aprendizagem da literatura em si. No caso dos documentos oficiais, identificamos uma hesitação teórica e conceitual no tratamento de algumas questões de primeira ordem para o ensino de literatura, como a noção de "prazer estético", o papel do leitor na apreciação e (re)construção do texto artístico, da questão da autoria e suas relações com a vida social e a história, além da posição atribuída ao cânone literário nas metodologias e currículos.

A existência de uma "literatura de testemunho" provoca profundamente todas essas categorizações, abalando as premissas que tradicionalmente orientam a formação do leitor literário na educação básica. Em vez de enfrentar essa constituição incômoda do testemunho, extraindo de sua singularidade elementos proveitosos para o exercício crítico, notamos ora a sua exclusão ora a sua indiferenciação no quadro do repertório literário consagrado. Ou seja, se no campo acadêmico a condição desestabilizadora do testemunho tem sido vista como um desafio para a teoria literária, cada vez mais encarado por pesquisadores, na educação básica o testemunho segue sendo recebido com perplexidade e silenciamento, como se não houvesse lugar para ele nas aulas de literatura. Não há, por certo, uma fórmula ideal para o trabalho com o testemunho em sala de aula. Tampouco podemos aceitar que a defesa entusiástica de suas pos sibilidades seja hasteada em detrimento de outras formas de representação da realidade.

Não obstante, se desejamos que a interdisciplinariedade seja mais do que uma bela palavra de ordem exibida em documentos e artigos sobre educa ção, se confiamos numa função ética, emancipadora, humanizadora da lingua gem artística, para além do prazer fugaz do consumo ligado ao entretenimento, não convém ignorarmos os textos testemunhais como importantes aliados nes sa busca. No caso específico do ensino de literatura, há ainda muito a se pensar sobre a relevância do testemunho; não apenas como auxiliar no entendimento do fenômeno literário, mas como componente incômodo, mas hoje irrecusável, do ensino de literatura. Retomando a ideia de Saramago, as sombras do tes temunho, especialmente numa modernidade marcada por catástrofes inolvidá veis, pode ser um refúgio para crescermos, entre a dor do outro e o prazer do reconhecimento.

FERRAZ, Marcelo. Intruso, incômodo, urgente: lugares do testemunho no ensino de literatura. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 28, dez. 2015, p.141-142.

4. LEITURA COMPLEMENTAR

O leitor-modelo de Umberto Eco e o debate sobre os limites da interpretação

O artigo discute o conceito de leitor-modelo proposto por Umberto Eco, com base em sua semiótica textual, para analisar o papel ativo do leitor na interpretação de obras literárias e os limites dessa interpretação. Eco, alinhado a Roland Barthes, desloca o foco da relação autor-texto para a texto-leitor, enfatizando a colaboração criadora do leitor. Utilizando o conceito peirceano de semiose ilimitada, Eco diverge de Jacques Derrida ao defender que nem toda interpretação é válida, opondo-se à desconstrução ilimitada e à ausência de limites significativos.

Historicamente, a crítica literária evoluiu de uma visão autorcentrada, ligada ao individualismo capitalista do século XVII, para uma perspectiva pós-estruturalista inaugurada por Barthes em *A morte do autor* (1968). Barthes vê o autor como mero *scriptor* e o texto como tecido de citações, cuja unidade reside no leitor, sem biografia ou psicologia fixa. Eco aprofunda isso em obras como *A obra aberta* (1962) e *Lector in fabula* (1979), destacando a incompletude textual que exige a competência do leitor para preencher interstícios semânticos e pragmáticos.

Eco define o leitor-modelo como uma estratégia textual hipotetizada pelo autor, construída por escolhas linguísticas, enciclopédicas e genéricas que preveem a colaboração do destinatário. Textos fechados visam públicos específicos, enquanto os abertos, como *Finnegans Wake* de Joyce ou *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis, incentivam múltiplas leituras coerentes. Distingue "uso" (leitura aberrante e livre) de "interpretação" (dialética entre intenção da obra e resposta do leitor-modelo), ancorada em estratégias textuais que limitam excessos, conforme Peirce.

O autor é visto como hipótese interpretativa, irrelevante em sua empiria, mas relevante para esclarecer processos criativos. Em *Interpretação e superinterpretação* (1990), Eco critica superinterpretações herméticas e gnósticas, defendendo a "intentio operis" (coerência interna do texto) contra a "intentio lectoris" excessiva. No debate com Derrida, Eco rejeita o *différance* e a arque-escrita como ilimitados, vendo-os como hermetismo; para ele, a semiose peirceana aspira a um interpretante final lógico, limitando deslizamentos infinitos.

Rorty critica Eco por essencialismo, defendendo que todo uso é interpretação pragmática, sem distinções internas. Eco impõe um limiar semiótico cultural, restringindo a semiose a signos artificiais, o que Nöth julga incompleto face à visão peirceana de continuum mente-mundo. Em conclusão, o artigo argumenta que, apesar da abertura cooperativa, os limites ecoanos preservam um resíduo essencialista; todavia, pela semiose ilimitada plena de Peirce, toda interpretação é válida e autocorretiva na comunidade de intérpretes, sem bloqueios ao caminho da investigação.

SANTOS, Gerson Tenório dos. O leitor-modelo de Umberto Eco e o debate sobre os limites da interpretação. *Kalíope*, São Paulo, ano 3, n. 2, p. 95-111, jul./dez. 2007. (resumo).

5. EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

a) Elaborar um plano de aula para o Ensino Médio, integrando literatura sobre as teorias do testemunho da Guerrilha do Araguaia, destacando estratégias para trabalhar memória e resistência.
b) Produzir uma breve reflexão escrita sobre o papel do professor-leitor na preservação da memória histórica.

6. SUGESTÕES DE APROFUNDAMENTO NO TEMA

Entrevista com José Genoíno: 50 anos da Guerrilha do Araguaia
Disponível em: https://youtu.be/aUFIBMeLjsc?si=aehChwNbBjULfrXA

Disponível em: noticias.uol.com.br/album/2013/12/03/relembre-a-trajetoria-do-ex-presidente-do-pt-jose-genoino.htm?foto=1

7. DE OLHO NO MUNDO DIGITAL

https://planejamentosdeaula.com

Você encontrará nesse site:
a) planos de aula prontos ou exemplos temáticos;
b) alinhamento com a BNCC;
c) foco em praticidade, rapidez e personalização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais deste itinerário formativo evidenciam que o ensino de Literatura, quando articulado às teorias do testemunho e ao contexto histórico da Guerrilha do Araguaia, ultrapassa os limites de uma abordagem meramente estética, consolidando-se como prática ética, política e formativa. Ao longo da proposta, tornou-se possível compreender que o testemunho não é apenas um gênero ou recurso narrativo, mas um dispositivo de memória, resistência e produção de sentido, capaz de tensionar versões oficiais da história e dar visibilidade a sujeitos historicamente silenciados.

Nesse percurso, os aportes teóricos da memória coletiva, dos silêncios da história e da ética da escuta contribuíram significativamente para a formação de um professor-leitor crítico, sensível e comprometido com a mediação de narrativas de dor, trauma e resistência. A Guerrilha do Araguaia, enquanto objeto de estudo, revelou-se não apenas um episódio histórico, mas um campo simbólico de disputas de memória, no qual o testemunho emerge como instrumento fundamental de denúncia, reconstrução histórica e justiça epistemológica.

Do ponto de vista pedagógico, o itinerário reforça a centralidade do letramento literário como prática social, na qual ler implica escutar o outro, reconhecer alteridades e assumir uma postura ética diante do texto. Assim, o futuro docente de Letras é convocado a atuar como mediador responsável, capaz de problematizar discursos, contextualizar narrativas e promover uma educação voltada à cidadania, aos direitos humanos e à consciência histórica.

Ademais, a articulação entre teoria e prática, proposta nas atividades, favorece o desenvolvimento de competências analíticas, interpretativas e críticas, essenciais à formação docente contemporânea. A leitura de textos testemunhais, sejam eles ficcionais ou não ficcionais, possibilita aos alunos compreenderem a complexidade da relação entre memória, história e linguagem, reconhecendo que toda narrativa carrega marcas de subjetividade, intencionalidade e contexto.

Por fim, este itinerário formativo reafirma o papel da Literatura como espaço de resistência e reexistência, no qual o passado não é apenas lembrado, mas constantemente reinterpretado à luz das demandas do presente. Trabalhar com a Guerrilha do Araguaia e com as teorias do testemunho, nesse sentido, é contribuir para a formação de sujeitos críticos, capazes de ler o mundo, questionar silenciamentos e atuar na construção de uma sociedade mais justa, democrática e consciente de sua própria história.

REFERÊNCIAS

ALVES, João Paulo Costa. *Livros do silêncio e da memória: Teorias do Testemunho e narrativas da Guerrilha do Araguaia na formação do professor-leitor*. Tese de doutoramento. UFNT: Araguaína, 2026.

ALVES, João Paulo Alves. *A teoria do testemunho e epistemologia*. Resenha, texto inédito, set. 2025.

AMARAL, Pauliane; RODRIGUES, Rauer Ribeiro. *As memórias de si: a subjetividade na literatura brasileira contemporânea*. *Scripta Uniandrade*, Curitiba, v. 12, n. 1, p. 85–105, 2014. Disponível em: https://revistahom.uniandrade.br/index.php/ScriptaUniandrade/article/viewFile/537/350. Acesso em: 25 abr. 2026.

AMORIM, Carlos. *Araguaia: história de amor e de guerra*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

ARAÚJO, Maria Paula; SILVA, Izabel Pimentel da; SANTOS, Desirree dos Reis. *Ditadura militar e democracia no Brasil: história, imagem e testemunho*. Rio de Janeiro: Ponteio, 2013.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. v. 1, p. 222–232.

BERNANDES, Carmo. *Xambioá: paz e guerra*. Goiânia: AGEPEL/Instituto Centro Brasileiro de Cultura, 2005.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

BRUM, Liliane Haag. *Antes do passado: o silêncio que vem do Araguaia*. Porto Alegre: Arquipélago, 2012.

CAMPOS FILHO, Romualdo Pessoa. *Guerrilha do Araguaia: a esquerda em armas*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Anita Garibaldi, 2012.

COMISSÃO ESTADUAL DA VERDADE E DA MEMÓRIA DO PARÁ. Tomo III. Belém: Editora Dalcídio Jurandir; Imprensa Oficial do Estado do Pará, 2022.

COSSON, Rildo. *Como criar círculos de leitura na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, Margareth Torres de Alencar; CORDIVIOLA, Alfredo Adolfo; CELLA, Susana Beatriz. Escritas de si. *Letras em Revista*, v. 14, n. 2, 2023.

DEAK, Anita. *No fundo do oceano, os animais invisíveis*. São Paulo: Reformatório, 2020.

DICIONÁRIO HOUAISS. Versão 1.0.5. Rio de Janeiro: Objetiva, 2022.

EGIDO, Alex Alves; REIS, Simone. Ética em pesquisas sobre leitura crítica e letramento crítico. *Revista Brasileira de Iniciação Científica*, Itapetininga, v. 2, n. 3, 2015.

FERRAZ, Marcelo. Intruso, incômodo, urgente. *Via Atlântica*, n. 28, p. 98-110, 2015.

FERREIRA, Paulo Roberto. *A figa verde e a misteriosa mulher de branco*. Belém: Paka-Tatu, 2024.
FIGUEIREDO, César Alessandro Sagrillo. A Guerrilha do Araguaia na literatura. *Revista Porto das Letras*, v. 9, n. 3, p. 105-119, 2023.
FIGUEIREDO**,** C. A. S.; SILVA, L. H. O. Contra o silêncio do cativeiro: entrevista com o escritor e jornalista Eduardo Reina. *EntreLetras* (Online), v. 11, p. 452-461, 2020.
FONTELES FILHO, Paulo. *Araguaianas: as histórias que não podem ser esquecidas*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2013.
FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1992.
GRAMMONT, Guiomar. *Palavras cruzadas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.
HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Maria Lúcia B. de Almeida. São Paulo: Vozes, 2006.
JUSTAMAND, Michael; MECHI, Patrícia Sposito. Heurística histórica. *Revista Arqueologia Pública*, p. 89-99, 2015.
KESSLER, Helena Pillar et al. O ensino testemunhal entre os restos da ditadura: uma metodologia ético-política. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 37, n. esp., p. 163–166, 2017.
KOLLERITZ, Fernando. Testemunho, juízo político e história. *Revista Brasileira de História*, Associação Nacional de História – ANPUH. São Paulo, v. 24, n. 48, p. 73-100, 2004.
LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira; Vanessa Ramos. Belo Horizonte: UFMG, 2014.
LISBOA, Adriana. *Azul corvo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
MACÊDO, Janailson. *Crônicas do Araguaia*. Marabá: Ed. do Autor, 2015.
MECHI, Patrícia Sposito. A guerrilha do Araguaia vista por seu comandante: o diário de Maurício Grabois. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Natal. *Anais.* Natal: ANPUH, 2015.
MEDEIROS, Olivia Macedo Miranda de et al. A guerrilha do Araguaia na memória das mulheres de Xambioá-TO: práticas de cuidado e resistências do cotidiano. *Revista Humanidades e Inovação*, Palmas, v. 9, n. 10, 2022.
MINUZZI, Luara Pinto. *Literatura infantojuvenil*. São Paulo: Sagah, 2006.
MOURÃO, Mônica. *Memórias clandestinas*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2005.
NOLETO, Agostinho. *Guerrilheiros sem rosto*. S.l.: Ética, 1995.
PACHECO, Abílio. *Em despropósito (mixórdia)*. Belém: Literacidade, 2013.

PASSEGGI, Maria da Conceição et al. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, memória e identidade. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 369–386, abr. 2011.
PEIXOTO, Rodrigo Corrêa Diniz. Memória social da Guerrilha do Araguaia e da guerra que veio depois. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas*, Belém, v. 6, n. 3, p. 479-499, set./dez. 2011.
POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
RIOS, F. D. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. *Revista Intratextos*, v. 5, n. 1, 2014.
SALGUEIRO, W. O que é Literatura de Testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e Andre du Rap). *Matraga*. Rio de Janeiro, v. 19, n.31, p, 284-30, jul/dez, 2012.
SARLO, B. *Tempo passado*: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução de Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
SARMENTO-PANTOJA, Augusto. O testemunho em três vozes: testis, superstes e arbiter. *Literatura e Cinema de Resistência*, Santa Maria, n. 32, p. 5–18, jan./jun. 2019.
SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65–82, 2008.
SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local do testemunho. Revista Tempo e Argumento. Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 3–20, jan./jun. 2010.
SILVA, Luiza Helena Oliveira da. O irmão. In: SILVA, Luiza Helena Oliveira da; RAMOS JR., Dernival Venâncio. *Contos da guerra do Araguaia. Araguaína*: EDUFNT, 2022.
SILVA, Wellington Sampaio da. *Livros em guerra: a escrita e a disputa do passado sobre a Guerrilha do Araguaia (1978–2015)*. 2019. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.
SOUZA, A. P. de. Testemunho, teor testemunhal e dispositivo na literatura brasileira 60 70. In: FIGUEIREDO, Cesar Alessandro Sagrillo; PEREIRA, Helena Bonito Couto (Org.). *Escritas e escritos (im)pertinentes na Amazônia*: estudos de literatura, resistência, testemunho e ensino. Rio Branco, Acre: Nepan, 2024, p. 17-30.
SOUSA, Reginaldo Cerqueira. Guerrilha do Araguaia: violência, memória e reparação. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, n. 66, 2019.
STAMATOPOULOS, Jorge. *Fantasmas do Araguaia*. São Paulo: Scortecci, 2020.
URRUTIA, Jorge. O espelho embaçado. Sobre realismo e testemunho (da literatura latino-americana). Madri: Cátedra, 2021.
VALARINI, Sharlene Davantel. Estratégias didático-metodológicas para o "ensino" da leitura do texto literário. Disponível em: http://editora.pucrs.br/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S9/sharlenevalarini.pdf. Acesso em: 25 jan. 2026.
WALTER, Letícia. *A didática da literatura na perspectiva da formação de professores de língua portuguesa: reflexos e contributos para a escola e sociedade*. 2014. Dissertação (Mestrado em Literatura de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014.

Sites consultados:

www.museudoholocausto.org.br

www.memorialdoholocausto.org.br

www.memorialdoholocaustorio.org.br

https://armazemmemoria.com.br/centros-bnm/

www.institutopaulofonteles.org.br/livro-paulo-fonteles-sem-ponto-final/

https://cnv.memoriasreveladas.gov.br

https://memoriasdaditadura.org.br

https://www.facebook.com/historiasreaisclube/

https://www.instagram.com/historiasreaisclube

https://estudoscomparados.fflch.usp.br/grupos-de-pesquisa

https://www.facebook.com/nevusp

https://catalogodeteses.capes.gov.br

https://www.museudapessoa.org

https://www.scielo.br

https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/99117.

https://www.zotero.org

https://cafecomsociologia.com/ancestralidade-feminina-memoria-resistencia-e-identidade/

www.reinoliterariobr.com.br/2020/12/resenha-vozes-femininas.html

https://memoriasdaditadura.org.br/mulheres-resistencia-e-repressao/

https://wordwall.net/pt-br/community/literatura

https://youtu.be/aUFIBMeLjsc?si=aehChwNbBjULfrXA

https://planejamentosdeaula.com

https://cnv.org.br

www.poisson.com.br
contato@poisson.com.br
@editorapoisson
https://www.facebook.com/editorapoisson

9 786558 666851